

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC-SP
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

LILIA GUERRERO FRANCESCHINI

O DESENCONTRO ENTRE OS SEXOS:
PROBLEMÁTICAS AMOROSAS NA PÓS-MODERNIDADE

SÃO PAULO

2013

LILIA GUERRERO FRANCESCHINI

O DESENCONTRO ENTRE OS SEXOS:
PROBLEMÁTICAS AMOROSAS NA PÓS-MODERNIDADE

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialização no curso Psicanálise e linguagem: uma outra psicopatologia.

Orientação: Prof^a. Carmen Silvia Cervelatti

SÃO PAULO

2013

“O que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor” Jacques

Lacan – O seminário: livro XX

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Armindo e Dolores, por absolutamente tudo. Obrigada por cada uma das oportunidades que me foi dada para me tornar o que sou, sempre serei grata pelas horas gastas no cuidado dos meus sonhos.

Aos meus queridos amigos, dos próximos aos distantes, que suportaram as ausências frequentes e sempre estiveram dispostos a ajudar, agradeço principalmente aos ouvidos pacientes; por mais que a distância física algumas vezes nos separe, o amor e carinho sempre permanecerão.

Às minhas novas amigadas do curso de pós-graduação, quero agradecer pela oportunidade de conhecer novas histórias e que nosso relacionamento seja duradouro.

À professora Carmen, pelo espírito crítico e ensinamentos, que espero, ao menos em parte, ter adquirido.

E, por fim, meu mais apaixonado agradecimento ao Pedro, meu namorado. Pela compreensão dos finais de semana perdidos, pelo apoio e pela força de alguém que sempre esteve ao meu lado, mesmo distante.

RESUMO

A cultura tradicionalmente enlaçada por um modelo patriarcal amparava-se em um modo de gozo fálico; hoje os ideais da cultura já não se sustentam por esse modo de gozar tipicamente masculino. Atualmente, há uma abertura a um novo tipo de gozo ilimitado que busca sempre mais, um gozo tipicamente feminino. A partir dessa visão, o presente trabalho aborda as problemáticas amorosas contextualizadas na pós-modernidade. O desencontro entre os sexos tem sido causa constante das queixas apresentadas na clínica, e o mal-estar oriundo dessa insatisfação acarreta o surgimento de diversas questões. Há emergência de um novo tipo de homem? A mulher contemporânea difere daquela de décadas anteriores? Quais as possibilidades de encontro entre os sexos? Assim, será utilizado o viés psicanalítico para proceder a uma análise da sexualidade. A proposta lacaniana apresenta um novo modo de gozo feminino, a existência de fórmulas da sexuação para as posições sexuais femininas e masculinas e a inexistência da relação sexual. Sendo que, posteriormente, tais argumentos embasam a teoria das parcerias amorosas. Entre os achados deste estudo, sustenta-se a hipótese de que a solidão, uma das recorrentes queixas, ampara-se na falta de acolhimento que os sujeitos sentem para expressar o próprio papel sexual na contemporaneidade.

Palavras-chave: Amor; feminino; gozo; sexuação; psicanálise, Freud, Lacan.

ABSTRACT

Culture traditionally laced by a patriarchal model relied on a phallic jouissance mode, but today the ideals of culture are no longer supported through that typically masculine mode of enjoying. Currently, there is an opening to a new kind of endless pleasure that always seeks for more, as a typically feminine jouissance. Based on that point of view, this paper discusses love concerns contextualized in postmodernity. The mismatch between sexes has been constant cause of complaints at the clinic, and discomfort arising from such dissatisfaction leads to the occurrence of several issues. Is there a new type of man emerging? Does the contemporary woman differ from that of previous decades? What are the possibilities of encounter between sexes? Thus, it will be used a psychoanalytical analysis of sexuality based on Freud and Lacan. Lacanian proposal presents a new way of feminine jouissance, with the existence of formulas to sexualizing the female and male sexual positions and the lack of intercourse. These arguments will base the discussion of the theory of loving partnerships. Among the findings of this study, is the supported hypothesis that loneliness, one of the recurring complaints, backs up on the lack of care that individuals feel to express their own sexual role nowadays.

Keywords: Love; feminine; jouissance; sexualization; psychoanalysis, Freud, Lacan.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - SEXUALIDADE	13
CAPÍTULO II - COMPLEXO DE ÉDIPO	18
O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD	18
O COMPLEXO DE ÉDIPO EM LACAN.....	26
CAPÍTULO III - AMOR	35
CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O AMOR	35
COMO OS HOMENS AMAM	41
COMO AS MULHERES AMAM.....	46
O gozo.....	49
CAPÍTULO IV - PARCERIAS AMOROSAS	53
NÃO HÁ RELAÇÃO SEXUAL	53
O CONCEITO DE PARCERIA	54
PARCEIRO DEVASTAÇÃO	55
PARCEIRO-CONTEMPORÂNEO.....	58
UM TIPO COMUM DE PARCERIA: O OBSESSIVO E A HISTÉRICA.....	61
AS PROBLEMÁTICAS AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE	64
CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

As queixas clínicas apresentam algumas temáticas recorrentes, tais como a dificuldade dos sujeitos no acesso ao amor ou, ainda, a inexistência de um companheiro amoroso.

Além da constante dificuldade em manter um relacionamento satisfatório, essas evidências também demonstram que a expressão da sexualidade contemporânea difere da que foi registrada até então, isso porque tais queixas possuem força motriz distinta daquelas do século passado. É possível acreditar, então, que as parcerias entre os sexos são influenciadas pela expressão que encontram na contemporaneidade.

Na atualidade, detecta-se o esvaziamento das relações intersubjetivas, permitindo o surgimento dos relacionamentos líquidos, com diminuição da complexidade e comprometimento e o aumento da fragilidade das parcerias, redundando em maiores possibilidades de fracassos e prejuízos às novas formas de amar.

Para analisar as problemáticas que envolvem o encontro amoroso entre os sujeitos em tempos de pós-modernidade este trabalho desenvolverá um percurso que irá da análise da sexualidade humana, passando pelo estudo do complexo de Édipo e das fórmulas da sexuação, até o exame das possibilidades de parcerias amorosas.

A temática apresentada neste estudo tomou relevância porque o trabalho na clínica se depara com a questão recorrente do desencontro entre os parceiros amorosos na pós-modernidade. Tal cenário indica a possibilidade do surgimento de um novo tipo de homem ou, ainda aponta para uma mulher contemporânea que

difere daquela de décadas atrás. Isso faz surgir novos questionamentos, a respeito da possibilidade de encontro entre os sexos e outras questões.

Diante desses desafios, surge a necessidade de encontrar fundamentação teórica para analisar esses fenômenos recentes. Utilizando o viés psicanalítico para discorrer sobre a sexualidade pós-moderna, pretende-se colaborar na construção da análise tão almejada e necessária num mundo em constante ebulição e mudança.

A compreensão do momento histórico em que os sujeitos se encontram é essencial para o estudo das parcerias amorosas e foi uma das temáticas expostas por Zalberg (2011, p. 21), que afirma que em cada recorte histórico-cultural há a prevalência de um tipo de gozo:

[...] cada época inventa novas formas de gozo e novas formas de determinar gozos permitidos. Pelo lado social, esta determinação de gozos deve ser estabelecida por cada comunidade histórica [...] Pelo lado psíquico, a determinação dos gozos permitidos tem a ver com a concessão feita ao desejo, seguindo-se a formulação de Lacan: “o gozo deve condescender ao desejo”.

Nota-se que ao estudar a expressão da sexualidade de sua época Freud se deparou com os sintomas histéricos das suas pacientes. Para tanto é inegável a importância que o estudo da histeria teve para a formação das bases da psicanálise. Foi por meio desse trabalho clínico que foi possível vislumbrar o mecanismo do inconsciente. E ainda, foi durante o tratamento das histéricas que se possibilitou elaborar a técnica psicanalítica do tratamento pela palavra.

Se nos tempos da clínica freudiana havia expressiva repressão do gozo, por meio dos ideais de uma sociedade paternalista, hoje, cada vez mais as queixas clínicas e os sintomas se veem vinculados a um gozo sem limites, não regulado.

Ou seja, se no século passado os ideais dominantes diziam respeito a uma moderação do modo de gozar, indicando o recalque e a clínica edípica, agora esses

mesmos ideais se referem ao além do Édipo, ao imperativo do gozo, já que o objeto a, o objeto da pulsão, está cada vez mais em evidência, seja nas drogas, nas intervenções no corpo, seja nos relacionamentos líquidos (ZALCBERG, 2011).

Observa-se que os pacientes trazem à clínica uma inquietação recorrente: o número de possibilidades com as quais se deparam é proporcional ao imperativo do gozo, que clama, exigindo satisfação sem limites. E os sujeitos, ilusoriamente, tendo tudo ao alcance continuam insatisfeitos, infelizes e paralisados, afinal, se tudo é permitido, a culpa da infelicidade recai sobre si. Há uma vulnerabilidade nos laços sociais, o que os deixa totalmente desorientados.

Eric Laurent abordou o tema num texto sobre a contemporaneidade e assim descreveu a insatisfação correlata à temática:

A felicidade escapa. Não se trata da satisfação que se mede em toda parte, a satisfação do consumidor de tudo. À diferença dessa satisfação, os paradoxos da felicidade fazem com que, quanto mais alguém tem tudo para ser feliz, mais se encontra deprimido, insatisfeito, angustiado, ou passa ao ato, de maneira imprevisível (LAURENT, 2012, p. 212).

Todas essas pontuações acerca da atualidade evidenciam a importância da sexualidade humana na vida dos sujeitos, por isso este estudo se aprofunda no tema da sexualidade, especialmente no que diz respeito à constituição da sexualidade feminina e masculina. O primeiro capítulo deste trabalho é totalmente dedicado a temática da sexualidade, bem como as interferências do tempo atual sobre a sua expressão.

Amparando-se pelo arcabouço teórico da psicanálise, o segundo capítulo é dedicado ao estudo do feminino e o masculino e inevitavelmente se percorre o trajeto iniciado pelo estudo do complexo de Édipo freudiano e as alterações propostas por Lacan ao longo do desenvolvimento da Psicanálise.

O amor e suas problemáticas sempre estiveram presentes no cotidiano, a partir de visões diferenciadas em cada época, e os indivíduos parecem conceder grande parte do tempo e do espaço da vida à procura de vínculos amorosos e sexuais. Tendo em vista essa importância, no terceiro capítulo, a questão do amor é mais longamente detalhada, explicitando o modo de amar de cada sexo e evidenciando as fórmulas da sexuação propostas por Lacan.

Se como dito anteriormente, a pós-modernidade tem influenciado os sujeitos na busca pelo parceiro amoroso, então algumas questões se colocam: haveria o surgimento de uma nova mulher? Há um novo homem em formação? E, se os personagens desse teatro são novos, como ainda é possível encenar a mesma atávica peça: o amor?

O debate sobre as diferenças entre homens e mulheres é antigo, mas usualmente as definições são as mesmas: mulheres são loucas, frágeis e passivas; e homens são frios, sérios e dominadores. Contudo, recentemente, a mídia tem evidenciado o surgimento de um novo homem: mais preocupado com a aparência, mais delicado e, principalmente, mais passivo.

Sobre o tema Ulloa (2007, p. 52) afirmou:

[...]boa parte dos homens dessa época esperam ser abordados, são homens do tipo Hans, que Lacan em seu seminário IV, destacou para a sexualidade do pequeno Hans, uma virilidade pela via do ideal materno, com uma escolha heterossexual, mas uma masculinidade débil, apassivada.
(tradução livre)

É evidente que nem todos os sujeitos masculinos da contemporaneidade podem ser enquadrados nesse grupo, mas o essencial é notar o surgimento de outras expressões na sexualidade desse novo homem.

Também são muitas as figuras femininas que permeiam os dias atuais, e ao associar essa percepção à leitura de Lacan, nota-se que não se está buscando a

definição d' *A* mulher contemporânea. Contudo, ainda que não se possa falar do sexo feminino enquanto conjunto, trata-se, sim, de discorrer sobre o feminino e, principalmente, sobre as novas figuras da feminilidade.

Diversas questões se apresentam para um sujeito feminino na pós-modernidade, como, por exemplo: a revolução sexual, o aumento da participação no mercado de trabalho, a degradação dos modelos antigos de feminilidade passiva, as manifestações que vão do Women's Liberation às diversas marchas noticiadas diariamente na mídia etc.

Várias mudanças ocorreram nos sujeitos de ambos os sexos, então, se poderá dizer que agora o masculino e o feminino são o mesmo? A pós-modernidade leva a uma nova expressão da sexualidade e do amor? Ainda que ocorram alterações que aproximam as expressões dos sexos, há sujeitos que ocupam posições distintas. Tão distintas, que constantemente as problemáticas amorosas evidenciam a desproporção entre os sexos.

Na atualidade, é-se impelido a buscar um tipo de gozo diferenciado, sem limites, muito próximo do gozo feminino. Seria a pós-modernidade feminina? O que significa para uma mulher amar em tempos de pós-modernidade?

Sobre a temática, aponta Ana Lydia Santiago (2012, p. 7):

O campo pulsional, que, por muito tempo, encontrou estabilização no laço do gozo fálico com os ideais da cultura, já não se sustenta tão facilmente por essa via tipicamente masculina. Nos tempos atuais, observa-se o predomínio de uma abertura ao caráter ilimitado do Outro da posição feminina, que convoca o empuxo ao gozo, impõe um "mais ainda", é isto que atinge o princípio da limitação característico do lado masculino.

Percebe-se que o lugar ocupado pela mulher tem sofrido alterações, pois há um ideal cultural, uma emancipação social e de direito que a empurra para um novo local, uma nova atitude. É como se os caminhos claramente fálicos e limitados de

outrora estivessem sofrendo um empuxo ao mais gozar, e, claramente, tudo isso se aproxima da posição feminina.

É a busca por essas respostas que dirige o quarto capítulo, onde as possibilidades de parcerias amorosas são apresentadas.

A análise das parcerias amorosas se inicia de modo mais geral, onde discute-se o conceito exposto por Miller (1998) e, posteriormente, estas são contextualizadas pela lente da pós-modernidade.

No quinto capítulo, encerra-se este estudo com as conclusões e no sexto capítulo, apresenta-se a lista de referências utilizadas no embasamento teórico.

CAPÍTULO I - SEXUALIDADE

Ainda que diversas civilizações tenham sido interpeladas pelo conceito de sexualidade, é inevitável compreender que esta, tal qual a conhecemos hoje, é uma construção do momento cultural e histórico. Sobre a capacidade da ciência de agregar as temáticas humanas, em especial a sexualidade, sob o caráter de verdade, Foucault (1993, p. 100) afirmou:

[...] sexualidade é o nome dado a um dispositivo histórico [...] à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles, das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder.

Compreende-se que sexualidade é um conceito inseparável do discurso corrente do seu tempo, ainda que não se possa deixar de notar o caráter universal do tema. Para tanto, dificilmente a sexualidade seria temática tão discutida não fosse a prática clínica ter evidenciado que a moral sexual é parte da produção de doenças nervosas. A sexualidade já se evidenciava na prática clínica de sexólogos e psiquiatras do século XIX, que, em vista disso, tentaram catalogar as práticas e patologias sexuais. Contudo, no mesmo período, Freud subverteu essa lógica ao falar sobre a individualidade e a singularidade da história sexual de cada sujeito. E, desse modo, algumas práticas sexuais saíram do campo exclusivo da perversão para se tornar comuns aos seres humanos, como o autor assegurou: “Assim, a extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal” (FREUD, 1905/2006 p. 162).

Freud chega a afirmar que há algo de inato na base das perversões e isso seria, na realidade, inerente a todo ser humano. Portanto, a diferenciação ficaria a

cargo da exclusividade de atividades sexuais desviadas, que definiriam toda a sexualidade do sujeito perverso; enquanto em outros casos haveria um recalçamento que permite restrições. Mas o que se evidencia é que há na sexualidade humana algo para além do instinto animal, ou seja, a disposição psíquica do ser humano para a sexualidade ultrapassa a base biológica. Por meio desse desenvolvimento há um direcionamento para uma concepção de sexualidade que não se limita ao corpo, que não se refere à genitalidade do órgão e não compreende apenas a reprodução.

Freud foi fundador do conceito de sexualidade dentro da psicanálise, pois se diferenciou da corrente da época apresentando um sujeito desejante que busca objetos para a descarga da pulsão, contudo, esse objeto possui uma plasticidade própria e uma variedade de formas de acesso.

Roudinesco (1998) situou a sexualidade humana com base na conceituação freudiana da seguinte maneira:

A idéia de sexualidade é de tamanha importância na doutrina psicanalítica que, com justa razão, pode-se afirmar que todo o edifício freudiano assentava-se sobre ela [...].

Impregnado das mesmas interrogações que seus contemporâneos, Freud, no entanto, foi o único dentre eles a investigar não a prova do fenômeno sexual, mas uma nova conceituação, capaz de traduzir, nomear ou até construir essa prova. Por isso, ele efetuou uma verdadeira ruptura teórica com a sexologia, estendendo a noção de sexualidade a uma disposição psíquica universal e extirpando-a de seu fundamento biológico, anatômico e genital, para fazer dela a própria essência da atividade humana (p. 704).

Ao falar sobre a sexualidade, um texto de Freud merece destaque: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2006). A partir deste momento, Freud estende a sexualidade ao campo infantil e também concede novo estatuto às chamadas perversões.

Ao retirar as crianças do universo da ingenuidade infantil, Freud causou grande polêmica; mas, ao apresentar a ideia de que a pulsão sexual se encontra nos

sujeitos desde sempre, ele conseguiu argumentos que embasam a noção da sexualidade enquanto constituinte do sujeito.

A análise de Freud sobre a sexualidade humana definiu a atividade sexual infantil como sendo autoerótica e idêntica no sexo masculino e feminino. Além disso, a libido é apresentada como sendo de natureza única, masculina. Contudo, ainda que apresente a sexualidade infantil numa equidade entre os gêneros, ele mesmo enumera algumas diferenças:

Sabe-se que somente com a puberdade se estabelece a separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos, num contraste que tem, a partir daí, uma influência mais decisiva do que qualquer outro sobre a configuração da vida humana. É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.) ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos; nelas, em geral, a tendência ao recalçamento sexual parece maior, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, elas preferem a forma passiva (FREUD, 1905/2006, p. 207).

Outro ponto de destaque abordado pelo autor diz respeito à zona erógena dominante em meninos e meninas, inicialmente, seriam zonas homólogas: o pênis e o clitóris. Contudo, é essencial para a mulher a transferência dessa zona de excitabilidade, ou seja, a passagem da zona erógena feminina do clitóris para a vagina. Posteriormente, poder-se-á verificar como Freud considera esse um ponto essencial à feminilidade.

Outro aspecto importante destacado por Freud (1905/2006) nos ensaios diz respeito à escolha do objeto sexual. O autor fará uma série de distinções entre os objetos sexuais, tanto em relação à escolha como ao modo de obtenção de prazer. Evidencia-se ao longo de sua obra que os relacionamentos amorosos serão na realidade um reencontro, ou seja, as relações infantis serão determinantes na escolha dos objetos na vida adulta:

Em vista dessa importância do relacionamento infantil com os pais para a escolha posterior do objeto sexual, é fácil compreender que qualquer perturbação desse relacionamento terá as mais graves consequências para a vida sexual na maturidade; também ao ciúme dos amantes nunca falta uma raiz infantil, ou pelo menos um reforço infantil [...]

A afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não o único, dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha de objeto (FREUD, 1905/2006, p. 216).

Compreende-se pelo exposto em Freud que a maturidade sexual está vinculada à subordinação de outras fontes de excitação sexual à primazia dos órgãos genitais. Nesse caso tem-se no jovem, menino ou menina, o despertar para a puberdade, onde se dará o encontro com o sexo do parceiro. Na realidade, trata-se de uma atualização do Édipo, em que após o período de latência o sujeito acorda para a sexualidade, agora genital. Claramente, então, as marcas oriundas das relações infantis são retomadas na adolescência.

Lacan corrobora a ideia freudiana de que as fantasias infantis são retomadas na puberdade, no seu texto de 1º de setembro de 1974, em que apresenta alguns pontos sobre a peça de Wedekind, intitulada “O despertar da primavera”, chegando a afirmar: “[...] para os meninos adolescentes, fazer amor com as mocinhas, [...] eles não pensariam nisso sem o despertar de seus sonhos” (LACAN, 1974/2003, p. 561).

O autor também assinala que nesse momento os jovens se deparam com o impossível da relação sexual, já que o objeto com que se relacionam é da ordem do impossível. A inexistência da relação sexual será mais profundamente discutida adiante neste estudo.

A afirmativa psicanalítica de que a estruturação sexual dos sujeitos não está referida, apenas, às características biológicas, mas é influenciada pela história do desenvolvimento infantil, coloca algumas questões: como se constituem o homem e a mulher? Como se apresenta a sexualidade nos diferentes gêneros? Como amam esses sujeitos?

Pode-se compreender, pela lógica da sexuação lacaniana, que falar do homem ou da mulher, não se tem o imaginário dos sexos, mas sim a posição que ocupam na lógica da sexuação, tema abordado de maneira pormenorizada adiante:

[...] A sexuação é algo muito diferente da constituição dos papéis de gênero como construções sociais ou culturais, que, naturalmente, passam e passarão por todo o tipo de mudanças. No plano da sexuação, a mulher mostra sinais de estar referida a um gozo voltado ao infinito, e sobre isso não temos nenhum indício de mudança. Para além das mudanças na esfera social das mulheres, é provável que em muitos casos continuem a amar como suas antecessoras gregas (DESSAL, 2012a, p. 116).

Para responder a tais questões recorre-se às explicações inicialmente feitas por Freud e, posteriormente, aprofundadas por Lacan, como se verá no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II - COMPLEXO DE ÉDIPO

O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD

Para compreender o conceito do complexo de Édipo freudiano, é essencial notar que esse se foi reformulando ao longo de sua obra. Inicialmente, o autor apresenta uma visão um tanto quanto naturalista (há uma inclinação natural ao sexo oposto). Essa concepção é ampliada, tendo como ponto de destaque as notas que o autor acrescenta à análise original do caso Dora (1901-05/2006). Freud revê as considerações sobre o caso alguns anos após publicar e afirma que a análise da paciente fracassou porque ele interpretou os sintomas de Dora com base na concepção de que uma mulher sempre deseja um homem.

Após essa correção de posição, Freud constata que o primeiro objeto de amor da menina é a mãe, assim como no caso do menino. A questão do autor passa a ser a forma como a menina abandona o primeiro objeto de amor para se voltar ao pai. É possível notar que a determinação dessa passagem está ligada ao complexo de castração, tratando-se de uma resposta à falta de pênis. A menina, tal como o menino, tem o complexo de castração iniciado pela visão dos órgãos genitais e pela comparação das diferenças entre os sexos.

Sobre esse tema, Freud evidencia a importância das observações infantis, quando a criança se engaja em investigações sexuais, buscando compreender, em especial, as diferenças entre os gêneros. Tais particularidades ficam afloradas na puberdade; nesse momento, o autor apresenta apenas algumas diferenciações tais como as zonas erógenas e o recalçamento. Freud acreditava que havia correspondência entre o prazer sentido no pênis e no clitóris e que, em dado

momento do desenvolvimento da menina, deveria haver uma mudança de zona erógena: a passagem do clitóris para a vagina. Enquanto no menino, a zona erógena correspondente à última parte de sua infância permaneceria a mesma pela vida adulta; na menina, deveria haver um recalçamento dessa sexualidade masculina.

Sobre o que Freud assim afirmou:

Quando a mulher transfere a excitabilidade erógena do clitóris para a vagina, ela muda a zona dominante para sua atividade sexual posterior, ao passo que o homem conserva a dele desde a infância. Nessa mudança da zona erógena dominante, assim como na onda de recalçamento da puberdade, que elimina, por assim dizer a masculinidade infantil, residem os principais determinantes da propensão das mulheres para a neurose, especialmente, a histeria. Esses determinantes, portanto, estão intimamente relacionados com a natureza da feminilidade (1905/2006 p. 209).

Freud continua dando grande destaque a questões anatômicas, mas em seu texto de 1923, “A Organização genital infantil”, deixa mais evidente a função do falo enquanto significante: “O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (FREUD, 1923/2006, p. 158).

O autor também irá destacar que uma das consequências das investigações infantis é observar que o pênis não é uma possessão própria de toda a humanidade. Geralmente, é observando as meninas que os meninos notam a ausência de pênis. Contudo, em um primeiro momento, eles acreditam que esse órgão se irá desenvolver nas meninas, e é lentamente que o menino conclui que o pênis estivera ali mas foi retirado, como resultado de castração.

Percebe-se que a menina está tão aprisionada pela lógica do falo quanto o menino. Isso porque ela toma conhecimento do sexo por meio do significante fálico, ou seja, para ela também o sexo feminino permanece não descoberto. É evidente que as crianças desde muito cedo se dedicam às investigações anatômicas, então,

em dado momento a vagina passa a ser conhecida enquanto órgão, mas não como significante (ANDRÉ, 1998/2011).

Ainda que Freud já houvesse apresentado a temática da castração anteriormente, é no texto “A dissolução do Complexo de Édipo” (FREUD, 1924/2006) que a vinculação entre o complexo de Édipo e o complexo de castração se torna mais clara. Freud argumenta que a ameaça de castração efetiva a saída do menino desse processo, enquanto na menina garante a entrada nessa elaboração. Para tanto, a saída da menina do complexo de Édipo aparece como lenta e gradual, em oposição à do menino, que é bem delimitada. Ainda que a criança já tenha notado a existência de seres humanos sem pênis e entendido que essa condição é oriunda de uma castração, é apenas por meio de uma nova experiência que tal conclusão se efetiva. Por exemplo, há as ameaças de castração feitas pelos adultos que rodeiam o menino quando este começa a ter hábitos masturbatórios.

Até o presente momento, compreende-se como o complexo de Édipo se dá para o menino; já para a menina, que se percebe castrada desde cedo, o caminho é um pouco diferente. Ainda que, assim como o menino, ela imagine que também tem pênis – pequeno e que irá crescer –, acaba por perceber mais rapidamente a castração e, nesse caso, não como ameaça, mas sim como fato consumado.

Freud chega a admitir que a entrada no complexo de Édipo é muito mais simples para as meninas, contudo, a saída é mais embaraçada. Para o autor a mulher se mantém vinculada à inveja do pênis na idade adulta e tem como solução substituir esse desejo pelo de ter um filho:

A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para o bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho (FREUD, 1924/2006, p. 198).

Alguns elementos pré-edípicos poderão manter-se na vida adulta. Por exemplo, nas mulheres, algumas questões como a promiscuidade, em que não há entrega afetiva e se mantém a fidelidade ao pai e à castidade, onde o homem idealizado permanece intocado.

Para Freud esses dois desejos – o de ter um filho e de possuir um pênis – permanecem no inconsciente ajudando a mulher a assumir o papel feminino. Contudo, o autor admite que seus estudos sobre a feminilidade e o complexo de Édipo feminino permanecem ainda insatisfatórios.

Como destacado nas notas do editor no artigo “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” é que Freud (1925/2006) faz a primeira reavaliação acerca do desenvolvimento do feminino, o que garante alguns progressos. O principal avanço diz respeito à análise mais aprofundada da fase pré-edípica. Afinal, segundo o autor, esse exame permite ampliar o conhecimento acerca da mudança de objeto, já que a mãe é o objeto de desejo original tanto para meninos como para meninas, sendo que no caso feminino há mudança posterior de objeto.

Nas meninas destaca-se a importância de notar a existência de pênis nos meninos. Sobre o tema, Freud afirmou (1925/2006, p. 280):

Elas notam o pênis de um irmão ao companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam como o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis.

No exato momento em que vê o órgão masculino, a menina já faz juízo da situação: ela percebe algo que não tem e assume que quer possuí-lo. Já no caso masculino, a observação dos órgãos genitais da menina só ganha relevância

posteriormente, quando for efetivada alguma ameaça de castração. Nesse mesmo texto, o autor destaca algumas consequências da dita inveja do pênis.

Sendo a constatação da ausência deste órgão uma ferida narcísica, a primeira atitude feminina seria compartilhar do sentimento de inferioridade sentido pelos homens para com as mulheres.

Além disso, o ciúme feminino é apontado como um deslocamento posterior desse primeiro momento. Assim, o papel de maior destaque que o ciúme desempenha na vida das mulheres, em comparação à vida dos homens, seria reforçado por uma inveja do pênis deslocada.

Uma terceira consequência seria o afrouxamento da relação da menina com a mãe, isso porque a menina compreende que foi a mãe quem não lhe concedeu o pênis, foi ela quem a colocou no mundo de maneira insatisfatória.

Tendo em vista a inveja do pênis, claramente, ocorre a percepção da inferioridade do clitóris, e isso acaba por acarretar a diminuição da masturbação feminina. Tais dados podem ser analisados pelo prisma do caráter masculino presente na masturbação clitoriana, e assim a eliminação dessa sexualidade seria pré-condição para o surgimento da feminilidade. O abandono da sexualidade masculina na menina é vista, pelo autor, como uma passagem à feminilidade, sendo assim descrita:

Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade [...] ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna objeto de ciúme e a menina transformou-se em uma pequena mulher (FREUD, 1925/2006, p. 284).

Nota-se pela afirmativa freudiana que nas meninas o complexo de castração seria o responsável pela inibição da masculinidade e pelo impulso a feminilidade. O

autor destaca que faltam motivos para a destruição do complexo de Édipo nas meninas, mas esse pode ser abandonado lentamente, devido à repressão, ou pode continuar tendo efeitos na vida das mulheres adultas (FREUD, 1925/2006).

Freud apresenta o texto intitulado “A sexualidade feminina”, fazendo uma releitura dos aspectos apresentados no texto já citado de 1925. Em especial, dois deles são destacados: a importância da fase pré-ediapiana, na menina, e a relação da menina com a mãe, no que se refere à estruturação da feminilidade (FREUD, 1931/2006).

Com base em observações clínicas, Freud nota que em algumas mulheres o objeto original de amor – a mãe – nunca é abandonado, para que a menina possa dirigir-se ao pai. Mas deixa claro que a mulher só atinge a normalidade sexual se superar essa primeira etapa de rivalidade com o pai e de devoção pela mãe.

Para Freud, a bissexualidade característica da vida sexual de todos os seres humanos é muito mais evidente nas mulheres, devido ao fato de estas terem de migrar de um prazer masculino, proveniente do clitóris, para um prazer feminino, oriundo da vagina.

Tendo em vista as duas mudanças necessárias (de órgão sexual e de objeto de amor) para que a menina alcance a feminilidade, Freud aponta três caminhos diferentes e consequentes do complexo de castração como possibilidades de saída do complexo de Édipo.

Em um primeiro caso, ao fazer a comparação do clitóris com o pênis dos meninos, o sujeito do sexo feminino pode se assustar com a comparação e no lugar de transferir o órgão sexual para a vagina poderá abandonar a atividade fálica e sua sexualidade como um todo. Neste caso, há uma inibição geral da sexualidade ou a via da neurose: a menina que até então havia dirigido o amor à mãe fálica, diante da

descoberta da ausência do pênis nessa mãe, revolta-se e é tomada pela inveja do pênis. A partir desse momento, a menina se recusa a ter uma vida sexual e, insatisfeita com o clitóris, reprime a maior parte da sexualidade.

Em uma segunda linha de raciocínio, tem-se o chamado complexo de masculinidade. Neste caso, a menina assume postura desafiadora, agarrando-se à masculinidade ameaçada e não aceita a castração, acreditando que irá conseguir possuir o pênis. Neste caso há identificação com a mãe fálica ou com o pai. A menina pode, inclusive, ter fantasias de ser homem. Freud acredita que essa posição tem procedência vinculada à não aceitação da decepção causada pelo pai: este não lhe deu o falo sob a forma de um filho.

O último caso descrito por Freud diz respeito ao alcance da feminilidade normal. Neste caso, a menina escolhe o pai como objeto, diante da constatação da castração da mãe. Ou seja, a menina supera o desejo de ter o pênis e passa a desejar ter um bebê, há uma equivalência pênis-bebê. No texto de 1917, “As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal”, Freud já havia falado sobre a relação pênis-bebê ainda que de forma superficial, afirmando que em algumas mulheres adultas o desejo de possuir um pênis é revivido no desejo de ter um bebê (FREUD, 1917/2006).

As três vias propostas por Freud para a sexualidade feminina podem ser descritas, de modo sumário, pelas seguintes opções: inibição da sexualidade pela via da neurose, o complexo de masculinidade e a saída pela feminilidade. Ou seja, a menina só alcançará a feminilidade normal se atingir o desenvolvimento descrito anteriormente: possuir o pai como objeto de amor e a vagina como órgão sexual.

De modo geral, nota-se que ligação da menina com a mãe, descrita na fase pré-edipiana, é tão importante que poderá moldar fenômenos da vida amorosa,

posterior, desse sujeito. Por exemplo, segundo Freud, muitas mulheres podem colocar o marido no lugar do pai e repetir o relacionamento que a mãe teve com o cônjuge. Na realidade, o marido é o herdeiro da relação da menina com a mãe, tratando-se de um caso de regressão (FREUD, 1931/2006).

As brigas constantes que muitas mulheres apresentam durante a juventude com as progenitoras se devem a decepções da fase pré-edipiana. Ou seja, ao se perceber castradas, as meninas podem se voltar com ódio para a mãe, e essa atitude é reforçada pela posição edipiana de rivalidade, já que esta é a mulher do pai. A ligação da menina com a mãe é marcada pela ambivalência, e algumas pessoas poderão manter esse traço arcaico na vida erótica adulta.

Na conferência intitulada “Feminilidade”, Freud (1932/2006) retoma as questões citadas fazendo um apanhado geral das explicações e teorias anteriores, focando as proposições na relação da menina com a mãe. Após uma introdução, onde aprofunda as questões da pré-história do Édipo, especialmente no que se refere ao complexo de castração, Freud descreve algumas das consequências dessa fase para a feminilidade, especialmente nas relações amorosas posteriores.

O autor afirma que a felicidade do sujeito na posição feminina não apenas está vinculada à escolha do pai como objeto de amor e a possibilidade de possuir o pênis-bebê, como será ainda maior se o bebê for do sexo masculino. Freud assim descreveu a relação da mulher com um filho:

O desejo que leva a menina a voltar-se para o seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consonante com uma primitiva equivalência simbólica [...] Sua felicidade é grande se, depois disso, esse desejo de ter um bebê se concretiza na realidade; e muito especialmente assim se dá se o bebê é um menininho que traz consigo o pênis tão profundamente desejado (FREUD, 1932/2006, p. 128).

Freud também atribui à feminilidade uma quantidade maior de narcisismo que pode afetar as escolhas objetais: “Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é necessidade mais forte que amar” (FREUD, 1932/2006, p. 131).

É possível notar que a história pré-edipiana aparece como determinante nas escolhas objetais femininas. O fato de a vinculação com a mãe ter se mantido ou se alterado para o pai irá influenciar os moldes do relacionamento posterior. Para tanto, Freud já aponta que as escolhas amorosas femininas e masculinas parecem ter diferenças estruturais: “Tem-se a impressão de que o amor do homem e o amor da mulher psicologicamente sofrem de uma diferença de fase” (FREUD, 1932/2006, p. 133).

Além dessas formulações expostas por Freud, há uma nova maneira de encarar o complexo de Édipo repensado por Lacan. No novo modelo, o autor propõe três tempos e no desfecho do Édipo indica outra possibilidade de saída do complexo, como se verá a seguir.

O COMPLEXO DE ÉDIPO EM LACAN

Lacan reformula o conceito de Édipo freudiano pensando-o a partir de três etapas, em que cada uma diz respeito a uma posição diferente do sujeito em relação ao falo e não a uma ordem cronológica exata. Ao se posicionar de modo diferente em relação ao falo Lacan permite outra saída para uma mulher. A questão deixa de ser o “ter ou não ter o falo”, permitindo que mulher seja o falo. Acerca da assunção

ao sexo pelo sujeito do tipo feminino, o autor propôs: “Reconheça-se como mulher, identifique-se com as funções da mulher” (LACAN, 1957-58/1999, p. 171).

Não se trata de uma referência genital para distinguir os sexos, mas sim de uma posição ante a função fálica. Ainda assim, Lacan reconhece a importância do órgão genital masculino para o complexo de Édipo e em especial para o complexo de castração:

Não fui eu quem inventou que ele [o sujeito] não se introduz nisso sem que aí venha a desempenhar um papel de primeiríssimo plano o órgão sexual masculino. Este é o centro, o eixo, o objeto de tudo que se relaciona com a ordem dos acontecimentos, bastante confusos e mal discernidos, convém dizer, a que chamamos complexo de castração (LACAN, 1957-58/1999, p. 205).

O primeiro tempo do Édipo é uma fase fusional, quando toda criança está identificada àquilo que supõe ser o objeto de desejo, o falo da mãe. Lacan, assim define esse primeiro tempo: “Vocês têm num primeiro tempo, portanto, como lhes disse a relação da criança não com a mãe, como se costuma dizer, mas com o desejo da mãe. É um desejo de desejo” (LACAN, 1957-58/1999, p. 205).

Neste primeiro tempo, o desenvolvimento é igual para o tipo feminino e masculino. Nas demais etapas passa a haver diferenciação quanto ao “ser homem” ou “ser mulher”, o que ocorre por meio da entrada do pai na triangulação edipiana.

A intrusão paterna apontando para a ausência do falo materno pode fazer com que o pai seja preferido, é nesse momento que as diferenças entre o complexo de Édipo na menina e no menino se tornam evidentes. É correto afirmar que a partir de então somos guiados pela castração, conseqüentemente, não se fala mais de feminino e masculino enquanto gênero e sim enquanto uma das posições possíveis ante a sexuação. Por meio dessas diferenças, Lacan irá delinear as particularidades do gozo feminino.

O segundo tempo do Édipo marca o declínio desse complexo, há o encontro com a lei. A criança reconhece o pai como sendo aquele que dita a lei, fazendo com que ele assuma o lugar daquele que é depositário do falo. Lembrando que o pai aqui aparece como proibidor, mas só o faz por meio do discurso da mãe. Em vista dessa proibição, a criança se encontra profundamente abalada na posição de “assujeito”.

Entende-se que ao privar a mãe do objeto fálico o pai aponta para quem realmente o detém, ele mesmo. Em poucas palavras, o segundo tempo do Édipo diz respeito ao pai onipotente, que priva, e isso permitirá a identificação final com o pai, no caso masculino.

O pai real é aquele que aparece sob nova significação: daquele que detém o objeto de desejo da mãe e acaba por ser elevado à posição de pai simbólico. A criança é confrontada com a seguinte realidade: ela não apenas não é o falo da mãe, como da mesma forma que a progenitora não possui um. Contudo, a criança se dá conta que há um lugar onde o falo existe e, portanto, é possível tê-lo (DOR, 1989/2008).

O momento da privação é nodal para a criança durante o Édipo, pois é com isso que a criança vai ter de lidar ao longo do desenvolvimento. Neste ponto, ocorre o que se pode designar como complexo de castração. Segundo Lacan, será nesse desse momento que a criança fará a entrada no terceiro tempo do Édipo:

Em ambos os casos [feminino e masculino], a questão do ter ou não ter é regida – mesmo naquele que, no fim, tem o direito de tê-lo, ou seja, o varão – por intermédio do complexo de castração. Isso supõe que, para tê-lo, é preciso que haja um momento em que não se tem. Não chamaríamos o que está em jogo de complexo de castração se, de certa maneira, isso não pusesse em primeiro plano que, para tê-lo, primeiro é preciso que tenha sido instaurado que não se pode tê-lo, de modo que a possibilidade de ser castrado é essencial na assunção do fato de ter o falo (LACAN, 1957-58/1999, p. 193).

A função paterna é representativa na medida em que a relação falo-criança é modificada. O sujeito – seja homem, seja mulher – deve encontrar uma alternativa ante o “ser” ou “não ser” o falo, é dessa maneira que ingressará na problemática de “ter o falo”. Nessa etapa, a criança compreende que há um falo e o pai não aparece mais como o tirano que priva a mãe do objeto de desejo, mas sim como aquele que é possuidor do falo e que pode dá-lo. Portanto, o falo vem a ser o significante que representa o desejo da mãe para além da criança.

É no terceiro tempo do complexo de Édipo que ocorre o declínio e que se marca a simbolização da lei. É no lugar exato do desejo da mãe que reside o valor estruturante dessa simbolização. Tanto a criança como mãe são vistas como desprovidas do falo, mas podem desejá-lo, em qualquer lugar que este se encontre (DOR, 1989/2008, p. 88).

É por meio da dialética do “ter ou não ter” que se insere o jogo das identificações e se torna possível uma inscrição diferente de acordo com o sexo. Além disso, é nesse momento que tem início a instauração da metáfora paterna.

Diferentemente do menino, a menina não deverá identificar-se com o pai, isso porque ela sabe onde está o falo e pode ir ao encontro deste.

Sobre isso, Lacan afirmou:

Também lhes saliento que o desfecho do Complexo de Édipo, como todos sabem, é diferente na mulher. Para ela, com efeito, essa terceira etapa, como sublinha Freud, é muito mais simples. Ela não tem de fazer essa identificação nem guardar esse título de direito a virilidade. Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem. Isso também indica por que uma feminilidade, uma feminilidade verdadeira, tem sempre o toque de uma dimensão de álibi. Nas verdadeiras mulheres há sempre algo meio extraviado (LACAN, 1957-58/1999, p. 202).

O terceiro tempo do complexo de Édipo é transposto quando o menino se identifica com o pai possuidor do pênis e a menina reconhece o homem como sendo aquele que o possui, e onde pode buscá-lo.

Lacan identifica que o Édipo feminino tem o fim marcado pela percepção da ausência do falo, mas ainda assim a menina se mantém referida a este:

Este falo, a mulher não o tem, simbolicamente. Mas não ter o falo, simbolicamente, é dele participar a título de ausência, logo, é tê-lo de alguma forma. O falo está sempre para além de toda a relação entre o homem e a mulher. Ele pode ser, ocasionalmente, objeto de uma nostalgia imaginária por parte da mulher, na medida em que ela tem apenas um falo muito pequenino (LACAN, 1957-58/1999, p. 155).

Lacan acredita que é o fato de a mulher não ter falo que permitirá que ela o possua, simbolicamente e a título de ausência. Ou seja, a mulher não tem o falo, mas está referida a ele, pois este existe ali enquanto ausência. É justamente esta falta que condiciona a mulher a poder tornar-se um objeto fálico.

Posteriormente, no vigésimo seminário, Lacan introduz as fórmulas da sexuação. Essas fórmulas são uma condensação de ensinamentos de anos anteriores. De modo geral, Lacan afirma que para que um sujeito se coloque na posição de mulher na sexuação ele precisa se reconhecer como faltante, por isso, o significante fálico não pode estar escrito do lado feminino da tábua da sexuação. Já do lado masculino, tem-se o homem como detentor do falo, justificando o motivo pelo qual o símbolo fálico se encontra do lado dos homens. Vê-se a inscrição do falo na tábua da sexuação mais adiante. Torna-se evidente que isso tem uma implicação direta sobre a relação entre os sexos, que pode ser explicitada da seguinte forma:

Mas, atendo-nos à função do falo, podemos apontar as estruturas a que serão submetidas as relações entre os sexos [...] E isso pela intervenção de um parecer que substitui o ter, para, de um lado, protegê-lo e, de outro, mascarar a sua falta no outro, e que tem como efeito projetar inteiramente as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos, até o limite do ato da copulação (LACAN, 1958a/1998, p. 701).

Ainda que Lacan tenha proposto novos conceitos, para além da posição freudiana, o autor corrobora o pensamento freudiano sobre a existência de uma nostalgia imaginária, a falta do falo que gera inferioridade no plano imaginário. O autor evidencia, também, a importância do falo visto que é fundamental para estruturar a lei do incesto.

É na medida em que a menina não tem esse falo, isto é, também na medida em que ela o tem no plano simbólico, na medida em que ela entra na dialética simbólica de ter ou não ter o falo, é por aí que ela entra na relação ordenada e simbolizada que é a diferenciação dos sexos, relação inter-humana assumida, disciplinada, tipificada, ordenada, marcada por interditos, marcada, por exemplo, pela estrutura fundamental da lei do incesto (LACAN, 1956-57/1995, p. 155).

É possível, também, identificar que ao longo do desenvolvimento do complexo de Édipo a criança associa a ausência da mãe à presença do pai. Ou seja, é ao se interrogar sobre o desejo da mãe que a criança compreende que isso diz respeito ao pai. Momento assim descrito por Lacan:

A pergunta é: qual o significado? O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela – é o x, o significado. E o significado das idas e vindas da mãe é o falo (LACAN, 1957-58/1999, p. 181).

O pai deixa de ser rival e é introduzido simbolicamente, pois é possuidor daquilo que a mãe deseja. O pai surge como uma metáfora, já que se apresenta no lugar do desejo da mãe, que já estava ligada a um x. Essa posição pode ser representada pelo significante do Nome-do-Pai.

O significante Nome-do-Pai (NP) entra no lugar do significante – o desejo da mãe (DM) e transforma o desejo do Outro (A) em significante. Pode-se verificar a operação da metáfora paterna na Figura 1, abaixo.

Figura 1 – Metáfora paterna

$$\frac{NP}{DM} \cdot \frac{DM}{x} \longrightarrow NP \cdot \left[\begin{array}{c} A \\ \text{Falo} \end{array} \right]$$

Fonte: DOR (1989/2008)

A produção da metáfora paterna permite que o sujeito tenha acesso ao simbolismo da lei, que o nome do pai introduz a criança na dimensão simbólica.

Pode-se notar também que uma das consequências da introdução na dimensão simbólica é que o sujeito deixa de confundir-se com o objeto de desejo da mãe, e passa a ter acesso ao próprio desejo.

A criança sai da posição de assujeitamento para a posição de sujeito dividido pelo recalque. Esse sujeito é dito barrado, pois há uma parte que ele mesmo desconhece, a parcela inconsciente. Ou seja, o nascimento do sujeito já acarreta a existência de um saber ao qual ele não tem mais acesso direto.

A metáfora paterna garante para a criança o acesso à dimensão simbólica, afastando-a da alienação inicial, o assujeitamento imaginário em que estava imersa na relação materna, e permite que se torne um sujeito desejante (DOR, 1989/2008).

Sendo assim, é o recalque originário e a metáfora paterna que permitem que o desejo se imponha. Quando percebe que não é o falo da mãe, a criança passa a se engajar nos objetos de desejo que visam substituir o objeto perdido. Logo, o desejo acaba se desdobrando em demanda, o que faz com que este se afaste cada vez mais na cadeia significante. Como existe sempre uma parcela do objeto perdido, costuma-se dizer que o desejo se realiza via metonímia.

Nota-se que o sujeito é desejante, pois é o desejo da mãe que abre caminho para o desejo do filho. Assim, é tentando preencher a falta no Outro materno que a

criança deseja. Ou seja, desejo e falta são faces de uma mesma moeda. É o desejo do Outro que permite a causa do desejo, que Lacan intitulou de objeto *a*.

Mas, ainda assim, é necessário que haja separação entre o desejo da mãe e o do filho, já que esse desejo isoladamente pode ser considerado bastante devastador, de modo que é como se a criança pudesse ser engolida por esse desejo materno. Lacan (1969-70/1992) chega a fazer uma analogia entre a mãe e o crocodilo, assemelhando o desejo materno à boca aberta de um crocodilo, prestes a devorar a presa – o filho. Desse modo, faz-se necessária uma intervenção para evitar o desastre iminente, tal intervenção é oriunda da figura paterna. O pai aparece como um terceiro termo, que fornece novo sentido ao desejo da mãe. Assim, o Nome-do-Pai permite uma resposta ao questionamento relativo ao desejo do Outro.

Ainda sobre a imagem utilizada por Lacan, o falo se assemelharia a uma barra que ao ser introduzida na boca aberta impede que esta se feche e o filho seja devorado. Ou seja, o falo faz a mediação, permite a separação do sujeito em relação ao desejo do Outro. E a função paterna opera como um ponto de sustentação, já que é o Nome-do-Pai que ordena a cadeia significante.

O pai proíbe a relação fusional da mãe com o filho, que pode ser devastadora. Nessa perspectiva, Lacan aponta em seu seminário “O avesso da Psicanálise”:

Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a sua bocarra. O desejo da mãe é isso. [...] Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha (LACAN, 1969-70/1992, p. 105).

A respeito dessa questão, compreende-se que no exercício de seu papel a mãe poderá causar estragos, e essas marcas permanecerão por toda a vida. No caso de uma mulher, essa relação com a mãe poderá ser ainda mais determinante,

já que ela se colocará na posição de amada e desejada, objeto de causa de desejo de um homem assim como um dia objetivou ser o falo da sua mãe. Desse modo, ao se colocar como objeto de desejo do Outro, o sujeito feminino está retornando para a sua relação com a mãe.

Nota-se, então, que, entre as opções propostas por Freud enquanto saídas para o Édipo feminino, Lacan propõe nova leitura ao colocar a possibilidade de ser o falo, em que a mulher se torna o próprio falo que não possui.

Quinet (2001, p. 11), embasado na leitura de Lacan, abordou esta temática: “Ela só é objeto de desejo, na condição de encarnar para o parceiro a significação da castração. Para se tornar objeto causa de desejo para o parceiro, tem de ocupar este lugar de ser o falo”.

O sujeito feminino encontra uma saída para a feminilidade quando passa a ser o falo, quando se permite ser feita de objeto causa de desejo por um homem.

CAPÍTULO III - O AMOR

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O AMOR

De acordo com o que se discutiu até o momento, nota-se que diferentemente de Freud Lacan entende que ter um filho não é a única saída para uma mulher. Trata-se, na realidade, da saída pela via do “ser”, “ser” o falo.

Soler (1998) aponta para o fato de que, embora desconhecida, a fórmula de “ser o falo” já está subentendida em Freud, quando este evidencia a possibilidade de que uma mulher compense a falta pelo amor de um homem.

A posição da mulher enquanto objeto que causa o desejo de um homem é descrita por Lacan (1960/1998) no seu texto “Diretrizes para um congresso sobre a feminilidade”. Para o autor a mulher deve fazer semblante de “ser” o falo, enquanto o homem faz semblante de “ter” o falo.

As posições feminina e masculina, em relação ao falo, são melhor definidas por Soler (1998), quando a autora afirma que o homem seria aquele que ocupa a posição de sujeito desejante, tendo acesso ao gozo pelo próprio órgão. Já a mulher, por ser não-toda fálica, precisa do Outro para ter acesso ao gozo, precisa fazer-se mulher de um homem.

Para fazer-se mulher, o sujeito feminino não deve apenas colocar-se como objeto de gozo, deve fazer semblante de objeto, sem perder o *status* de sujeito desejante.

Lacan entende que a forma de amor dos sexos é bastante distinta. Nas palavras do autor: “Se a posição do sexo difere quanto ao objeto, é por toda a

distância que separa a forma fetichista da forma erotomaniaca de amor”. (LACAN, 1960/1998, p. 742).

Então, se o feminino e o masculino parecem ter posições tão distintas, como falar de encontro entre os sexos? Se cada um se posiciona de um lado na sexuação, o que se entende como amor possível?

Amor é um assunto comum, que permeia a vida diária dos sujeitos e também as reflexões de poetas, artistas e psicanalistas. Sobre a necessidade da psicanálise em discorrer acerca do tema, Freud declarou:

Torna-se, pois, inevitável que a ciência deva, também, se preocupar com as mesmas matérias, cujo tratamento, pelos artistas há milhares de anos, vem deleitando tanto a humanidade, muito embora seu trato seja mais tosco e proporcione menos prazer. Essas observações, esperamos, servirão para justificar, de modo amplo, o tratamento estritamente científico que damos ao campo do amor humano (FREUD, 1910/2006, p. 171).

Freud aborda o tema do amor em diversos textos, entre eles destaca-se: “À guisa de introdução ao narcisismo”, de 1914 (2004); “Contribuições à Psicologia do amor”, de 1910-1912 (2006); e “Os três ensaios sobre a Teoria da sexualidade” (1905/2006)

O desenvolvimento infantil possui vínculos muito fortes com a história sexual adulta do sujeito. Em textos que tratam acerca da Psicologia do Amor (1910/2006; 1902/2006), Freud irá fortificar essa ligação, inicialmente, falando sobre os tipos de escolha objetais feitas pelos homens e, posteriormente, discorrendo sobre as dificuldades deles de vincular o amor ao desejo.

Contudo, nos textos citados anteriormente, o conceito de narcisismo ainda não se encontrava elaborado. É apenas em 1914, em “À guisa de introdução ao narcisismo”, que Freud (2004) vai articulá-lo, inclusive vinculando-o ao desenvolvimento da vida erótica.

As escolhas objetais estão relacionadas às primeiras experiências de satisfação infantil, sendo que haveria duas possibilidades: tomar a mãe como modelo de escolha, ou o próprio Eu.

No primeiro caso, tem-se um tipo de escolha amorosa que o autor define como anaclítica ou de ligação. Já no segundo, trata-se de uma escolha objetal narcisista. Os sujeitos de ambos os sexos são suscetíveis aos dois tipos de escolha, mas Freud afirma que uma comparação entre os sexos aponta que o tipo de escolha anaclítica é mais comum no sujeito masculino, enquanto o modelo narcisista é tipicamente feminino. E, ao ponderar acerca da escolha objetal feminina, Freud também analisou a questão da vinculação de objeto na maternidade:

Nesse caso, parece que com o desenvolvimento da puberdade, devido à maturação dos órgãos sexuais femininos, que antes estavam em estado latente, se intensifica o narcisismo original. [...] Em rigor, é só a si mesmas que essas mulheres amam com intensidade comparável à do homem que as ama. Elas não têm necessidade de amar, mas de ser amadas. [...] Contudo, também para as mulheres narcísicas que se mantêm indiferentes aos homens, há uma via que conduz ao pleno amor objetal. A criança que gerarem apresentar-se-á diante delas como se fosse uma parte do seu próprio corpo, na forma de outro objeto, e, assim partindo do seu próprio narcisismo, elas podem dedicar-lhe todo seu amor objetal (FREUD, 1914/2004, p. 108-9).

Freud apresenta o modo de amar dos sexos de maneira díspar, temática aprofundada nos próximos tópicos. O autor (1914/2004) também fala sobre o modo como a economia libidinal se apresenta durante o enamoramento.

No mesmo texto, o termo autoconceito é definido a partir o sentimento de si mesmo, ou seja, da estima que o sujeito tem por ele próprio. Freud acredita que ao investir libidinalmente nos objetos há um rebaixamento do autoconceito.

Ao se colocar na dependência do objeto amado, o sujeito se aloca em uma posição de humildade, sacrificando uma parcela do narcisismo, e o único modo de restituir a quantia perdida é sendo amado de volta. Para tanto, a problemática está

tanto em não amar como em amar e não ser retribuído: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar” (FREUD, 1914/2004, p. 106).

O conceito de amor também permeia alguns textos da obra de Jacques Lacan (1972-73/2008), o foco do estudo será o Seminário 20, intitulado “Mais, ainda”. Mas, também, em alguns tópicos expostos em outros trechos de sua obra.

Lacan apresenta os pensamentos recorrentes entre os amantes, discorrendo sobre o objetivo do amor de se fazer um só, quando afirma que temos aí a essência narcísica, que busca uma unidade egoica. Justamente por meio dessa crença enganosa é que se afirma que o amor vem em suplência à impossibilidade da relação entre os sexos:

[...] o amor, será que é fazer um só? [...] Um só se aguenta pela essência do significante. Se interroguei Frege na partida, foi para tentar demonstrar a hiância que há entre esse Um e algo que se prende ao ser e, por trás do ser, ao gozo [...]

O que faz aguentar-se a imagem, é um resto. A análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretenso objetual – papo furado – é de fato o que, no desejo é resto, isto é, sua causa, e esteio de sua insatisfação, se não da sua impossibilidade.

O amor é importante, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação *dos* quem? – os dois sexos (LACAN, 1972-73/2008, p. 13).

Então se o amor é suplementar à falta, ainda que seja um engodo, pode-se dizer que é devido à castração que o indivíduo pode amar. Também é o amor que apresenta solução ao impossível da relação sexual: “O que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor” (LACAN, 1972-73/2008, p. 51).

Sobre a necessidade tentativa de suprimir a falta e formar um ser apenas, declarou Marco Antônio Coutinho Jorge (2000, p. 146):

Nesse sentido, o amor e o desejo se opõem de modo bastante radical: o amor é uma tentativa de resposta exitosa do sujeito à falha inerente ao desejo, pois o amor não admite essa falha, ele quer preenchê-la a todo custo [...], vem designar que não é outra a configuração do amor senão a de constituir um a partir de dois, produzir o parceiro absoluto, necessário e imprescindível).

Nota-se que o autor corrobora o que Lacan já havia exposto no texto “A direção do tratamento e os princípios do seu poder” (1958b/1998), amar é dar o que não se tem. Ou seja, deixar-se enganar e oferecer a falta.

A crença de que homens e mulheres podem constituir identidades complementares faz com que um dos destinos possíveis da castração seja o amor. Contudo, tal crença costuma sofrer constantes abalos: o casamento, o passar do tempo, a morte, a maternidade, a paternidade e diversos outros percalços. E os casais parecem estar, constantemente, buscando dar provas desse encontro e se equilibrando para manter a aparente unidade.

Pelo viés lacaniano, a parceria amorosa se constitui sempre sobre o terreno da relação com o Outro:

E então, e então, e o amor, e o amor, ele é sempre recíproco? Mas é claro, mas é claro! É por isso mesmo que se inventou o inconsciente – para se perceber que o desejo do homem é o desejo do Outro, e que o amor, se aí está uma paixão que pode ser ignorância do desejo, não menos lhe deita toda a sua poja (LACAN, 1972-73/2008, p. 12).

E, nesse momento, certamente, colocam-se muitas questões: o que dizer dos relacionamentos que acabam? Muitos amores não são correspondidos. São tantos os sujeitos que se queixam do final das histórias de amor que parece impossível compreender a afirmação de Lacan. Assim, cabe delimitar melhor o que o autor entende por reciprocidade de amor.

A reciprocidade dos amantes não se dá, apenas, pela expectativa de ser retribuído, ou pelo temor da solidão, ela ocorre porque há no outro algo que o faz

amado. Logo, esse traço que garante ao amante a escolha do amado é na realidade uma das versões do objeto *a*, assim o objeto acaba de alguma forma sendo responsável pelo amor que causa em um outro, tendo-se aí a ideia de reciprocidade exposta por Lacan.

Sobre o tema, Miller (2010a, p. 8) retomou alguns aspectos já destacados por Freud e afirmou:

Quando ele [Freud] fala da escolha do objeto de amor, o objeto de amor é *i(a)*, é a imagem de outro ser humano. Às vezes se escolhe outra coisa do que um ser humano... Às vezes se escolhe um objeto material: é o que se chama fetichismo. Nesse caso não se fala em objeto de amor, mas sim, efetivamente, de gozo ou de causa de desejo, mas não de amor. Porque para poder falar de amor é necessário que a função *a* seja velada pela imagem, a imagem de outro ser humano, e talvez de outro ser humano e de outro sexo.

Para tanto, tem-se um engodo à solidão que faz com que os sujeitos acreditem ter no amor uma segurança, uma reciprocidade, uma unidade de sujeitos, quando na verdade temos apenas um sujeito e o objeto *a*.

Percebe-se que o caminho que a temática do amor percorre na psicanálise é um tanto desmistificante no que se refere às histórias clássicas e, em especial, ao desejo de fusão dos seres. Mas, mesmo diante desses impasses, percebe-se que o amor também, além de ser um engodo, é uma saída, um caminho de acesso ao gozo.

A seguir, percorrer-se-á o caminho das parcerias amorosas entre os sexos, em especial, buscando compreender quais significantes desta época prescrevem o gozo desses amantes. E, claro, discorrer-se-á sobre as vicissitudes de cada posição e as possibilidades de encontro.

Se como já apresentado a sexualidade é sempre contextualizada em um momento histórico, então as expressões oriundas da sexuação da época atual

também apresentam outras nuances, e são elas que embasam a problemática deste estudo.

COMO OS HOMENS AMAM?

Por que um homem ama determinada mulher? Porque os homens parecem amar de modo diferente ao das mulheres?

Sobre essa temática, Freud se aprofundou no texto “Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens” (1910/2006). O texto, que faz parte da coletânea sobre a Psicologia do Amor, fala sobre as condições de escolha do objeto amoroso masculino.

Uma das escolhas possíveis diz respeito à necessidade de haver uma terceira pessoa envolvida no relacionamento que acaba sendo prejudicada, ou seja, geralmente trata-se de uma mulher compromissada como objeto. E assim, tem-se um triângulo onde o homem acredita estar disputando com outro e vencendo. Nesse caso, há componentes de rivalidade e hostilidade englobados na escolha e o sujeito só atinge o apogeu da paixão ante a experiência do ciúme.

A outra precondição de escolha de objeto diz respeito à depreciação, Freud chamou esta espécie de escolha de amor à prostituta. Neste caso, tem-se o objeto escolhido sendo representado por uma mulher de baixa reputação moral.

Além dessas possibilidades de escolha de objeto, Freud também descreveu o comportamento do amante em relação ao objeto escolhido por meio de dois comportamentos: a exigência da fidelidade e o “salvamento da mulher amada”. No primeiro caso há enorme despendimento de energia, ao exigir fidelidade da amante, e na segunda atitude tem-se uma condição em que o homem se convence que a mulher precisa dele, que sem ele ela perderá o controle ou valor.

Freud afirma que todas as condições descritas são, de certo modo, oriundas da proibição do incesto e da fixação amorosa na relação infantil com a mãe.

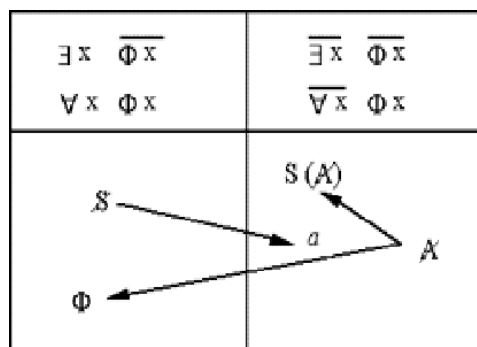
No texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (1912/2006), Freud apresenta outra característica que aflige os homens nas escolhas amorosas: a separação da corrente afetiva e sensual. São duas correntes: a afetiva, voltada a membros da família, e a corrente sensual, caracterizada pela busca de objetivos sexuais. Um objeto amoroso não poderia jamais servir de objetivo às duas correntes: “Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Procuram objetos que não precisam amar, de modo a manter a sua sensualidade” (FREUD, 1912/2006, p. 188).

Lacan abordou a temática das características do sujeito masculino, ao desenvolver as fórmulas da sexuação, conforme se descreverá a seguir.

Lacan institui as fórmulas da sexuação expostas no capítulo do seu vigésimo seminário, “Letra de uma carta de Amor”.

Lacan afirma, acerca das fórmulas da sexuação, que qualquer ser falante se inscreve de um lado ou de outro (em detalhes na Figura 2, abaixo).

Figura 2 – Tábua da sexuação



Fonte: LACAN (1972-73/2008)

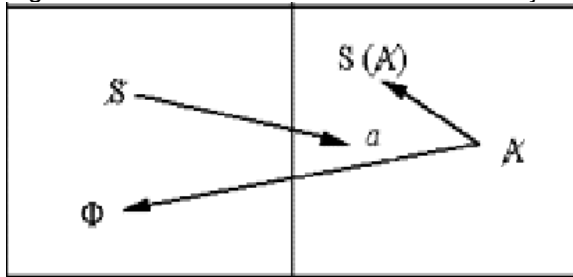
A fórmula à esquerda no quadro é referente ao masculino e a do lado direito ao feminino. Pode-se afirmar que no lado masculino há um x que escapa dessa função, referindo-se ao que aconteceu ao pai da horda primeva e, pela lógica matemática, é justamente a existência de um, que se caracteriza como exceção, que permite a construção do conjunto (GRASELLI, 2008).

Observa-se que ao utilizar o mito da horda primitiva como base Lacan é capaz de fazer proposições sobre a sexualidade, especialmente acerca da posição dos sexos ante à castração.

Segundo o mito mencionado acima, havia um homem que tinha livre acesso a todas as mulheres da tribo, ou seja, ao menos um, uma exceção, sobre a qual não incidia nenhuma lei. Portanto, é possível para Lacan escrever que há pelo menos uma exceção para a lei da castração, todos os demais homens estariam submetidos a essa lei. E assim se tem $\exists x \overline{\Phi x}$, ou seja, há um x para o qual a função fálica não incide. E, se, segundo a lógica matemática, a universalidade se funda pela exceção, então esse um serve de limite à regra; e nos demais casos todos estarão referidos à universalidade. Nas palavras do próprio autor: “O todo repousa, portanto, aqui, na exceção colocada, como termo, sobre aquilo que esse Φx , o nega integralmente” (LACAN, 1972-73/2008, p. 85).

Na parte inferior da tábua da sexuação, o lado masculino e o lado feminino continuam divididos, mas as setas que se dirigem de um lado para outro demonstram como se dá a interação entre os sujeitos.

Figura 3 – Parte inferior da Tábua da Sexuação

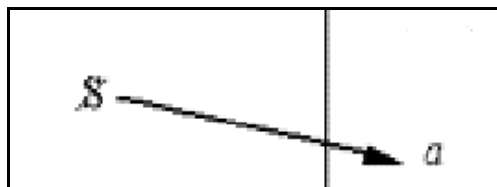


Fonte: LACAN (1972-73/2008)

Como dito anteriormente, todos os homens estão submetidos à castração, $\forall x \ \Phi x$, segundo Graselli (2008), isso indica que o gozo do homem encontra um limite na função fálica. Assim, o gozo masculino pode ser denominado como gozo fálico e trata-se de um gozo finito e limitado.

Outro aspecto que merece destaque é a presença de uma seta que sai do sujeito dividido (\$) em direção ao objeto do lado feminino da tábua, como se pode verificar abaixo:

Figura 4 – De \$ para objeto a.



Fonte: LACAN (1972-73/2008)

Pode-se observar que o sujeito barrado não está se dirigindo ao significante que representa uma mulher, A , e sim, ao a , objeto causa de desejo. Portanto, não é com uma mulher que o homem se relaciona, o que ele busca nela é a causa de seu desejo. Para Lacan, isso diz respeito à fórmula da fantasia, $\$ \diamond a$, o parceiro sexual do homem é o objeto que causa seu desejo.

Esse \$ assim duplicado desse significante do qual em suma ele nem mesmo depende, esse \$ tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto a

inscrito do outro lado da barra. Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa do seu desejo. A este título, como o indica alhures em meus gráficos a conjunção apontada desse \$ e desse a, isto não é outra coisa senão a fantasia (LACAN, 1972-73/2008, p. 86).

Ao tomar a estrutura masculina como base, a fantasia se torna fundamental para entender como se formam as parcerias amorosas desses sujeitos. Isso porque um encontro amoroso só se torna viável porque algo no parceiro causa o desejo desse homem, ou seja, o ponto nodal da fantasia é passado ao Outro.

Lacan vai afirmar, ainda, que toda a realização masculina referente à relação sexual termina em fantasia, e que o homem enxerga algo na parceira que diz respeito a ele mesmo. Nesse sentido, o autor destaca que há uma ligação entre o homem e a perversão:

O que se viu, mas apenas do lado do homem, foi que aquilo com que ele tem a ver é com o objeto a, e que toda a sua realização quanto à relação sexual termina em fantasia. Viu-se isso muito bem a propósito dos neuróticos. Como é que os neuróticos fazem amor? Foi daí que se partiu. Não se pôde deixar de perceber que havia correlação com perversões – o que vem em apoio do meu a, pois o a é aquilo que, quaisquer que sejam as ditas perversões, está lá como causa delas (LACAN, 1972-73/2008, p. 93).

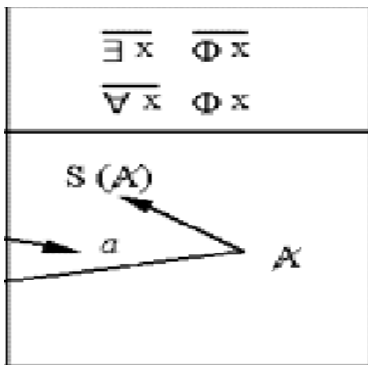
Segundo Quinet (2001), Lacan denomina esse tipo de fetichista, pois o homem reveste a mulher de objeto fálico:

Por que Lacan chama isto de forma fetichista de amor? Porque este revestimento fálico que o homem faz da mulher vela o horror da castração, impedindo que o homem se depare com a mulher como representante do Outro sexo. Ele a faz falar fetichisticamente para poder desejá-la e gozar dela, pois se não houvesse este artifício não haveria possibilidade de um homem abordar uma mulher (Quinet, 2001, p. 15).

COMO AS MULHERES AMAM

Já a questão do feminino, é representada pela Figura 5, abaixo, que diz respeito ao lado direito da fórmula anteriormente citada e que corresponde à sexuação feminina.

Figura 5 – A fórmula da sexuação feminina



Fonte: LACAN (1972-73/2008)

Se do lado masculino há uma exceção, do lado feminino não há nenhum x que se caracterizou como exceção. E, se sem exceção não há regra, pode-se dizer que do lado feminino não há conjunto. Tendo como base a ausência dessa universalidade, Lacan (1972-73/2008, p. 86-7) afirmou:

Em frente, vocês tem a inscrição da parte mulher dos seres falantes. [...] Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não todo, no que tem a opção de se colocar na Φx ou bem de não estar nela. [...] Além disso, é impropriamente que o chamamos *a* mulher, pois, como sublinhei da última vez, a partir do momento em que ele se enuncia pelo não todo, não pode se inscrever. Aqui o artigo *a* só existe barrado. [...] Esse \bar{A} não se pode dizer. Nada se pode dizer da mulher.

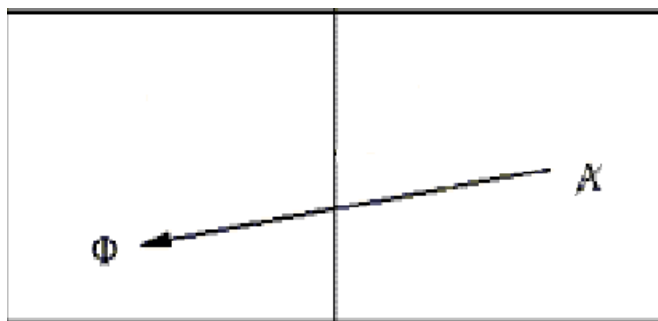
Além da inexistência de *A* mulher, a fórmula da sexuação lacaniana também fala acerca do gozo. Quando, anteriormente, falou-se que o masculino forma conjunto, também se apontou limite. Ou seja, há limite no gozo fálico, um limite imposto pela castração e o único, que escapou desse limite foi o pai da horda

primitiva. Se o lado feminino da fórmula não permite a formação de conjunto, ele também não impõe limites. Claro que desse lado da fórmula a castração também incide, mas de forma que não é toda, ou seja, não toda referida ao gozo fálico. Tem-se, então, que do lado feminino há outro gozo, um gozo ilimitado que Lacan chamou de gozo suplementar (GRASELLI, 2008).

Pode-se verificar esse ponto no seguinte trecho da parte superior da fórmula: $\overline{Vx} \Phi x$. Aqui se tem que para não todo x a função fálica advém, ou seja, como já apresentado, quando se descreve o gozo suplementar, uma mulher não se encontra toda referida à função fálica.

Em relação à parte inferior da formulação proposta por Lacan, merece destaque o significante A que diz respeito a Outra mulher. Nota-se que há uma seta que parte de uma mulher ao falo, tem-se aí, então, a busca pelo falo que ela não possui, conforme se vê na Figura 6.

Figura 6 – De A para o Φ



Fonte: LACAN (1972-73/2008)

Além da relação com o gozo fálico, a figura acima fala sobre a relação da mulher com o simbólico. Segundo Graselli (2008), é essa ligação com o falo que permite que a mulher não esteja totalmente inserida no real. Então, os sujeitos

femininos se encontram no registro do simbólico, mas possuem uma parte que escapa, e esse componente garante acesso privilegiado ao real.

Se não houvesse essa referência ao falo, uma mulher estaria inteiramente no real, e seria louca-de-todo, portanto, é o fato de estar referida ao falo que permite a proposição do não-todo, conforme demonstra a citação abaixo presente no texto “Televisão”:

Todas as mulheres são loucas, como se diz. É justamente por isso que elas não são todas, isto é loucas-de-todo, antes conciliadoras: a tal ponto que não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens (LACAN, 1974/1993, p. 70).

Lembrando que o real, para a psicanálise, em nada se assemelha ao conceito de realidade, no sentido empírico do termo.

Para Roudinesco (1998, p. 644-5), o real pode ser assim designado:

Termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocábulo da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomenológica que é imanente à representação e impossível de simbolizar. [...] o conceito de real é inseparável dos outros dois componentes desta, o imaginário e o simbólico, e forma com eles uma estrutura.

Quando se fala de real na psicanálise, trata-se de um ponto que resiste à simbolização. Lacan apresenta o real como referido àquilo que está excluído do simbólico, mas que pode retornar, como no caso das psicoses.

Sendo assim, a mulher não está toda referida ao gozo fálico, apesar de ela se apresentar como um ser de linguagem – pois a função fálica ali operou –, esta ainda permanece impossível de ser capturada por palavras, ou seja, resta um Outro gozo, que marca a especificidade de cada mulher. Daí o aforismo lacaniano “A mulher não existe”, pois, de acordo com esse viés, é possível definir apenas *uma* mulher (LACAN, 1972-73/2008).

Os apontamentos evidenciados por meio das fórmulas da sexuação também expõem questões referentes ao modo de gozo feminino, isso porque além do gozo referido ao falo há outro, o gozo suplementar, próprio do feminino. Devido às particularidades, o gozo feminino será abordado pormenorizadamente a seguir.

O gozo

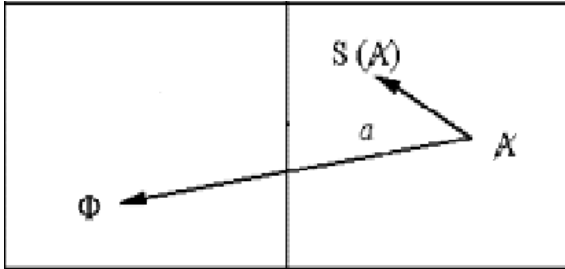
Inicialmente, deve-se compreender que o termo gozo não era amplamente utilizado na obra freudiana, mas Lacan lhe concedeu a condição de conceito. Segundo Roudinesco (1998, p. 299):

Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a idéia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais. Posteriormente, o gozo foi repensado por Lacan no âmbito de uma teoria da identidade sexual, expressa em fórmulas da sexuação que levaram a distinguir o gozo fálico do gozo feminino (ou gozo suplementar)

No que se refere à questão do feminino, Lacan avança bastante quando vai para além da inveja do pênis e identifica a existência de um gozo a mais. Depois de longo desenvolvimento, ele vai dividir os sujeitos não no que se refere a dois sexos, mas sim a dois tipos de gozo: um todo fálico e outro não todo. O homem apresenta um único modo de gozar, o fálico, já a mulher pode ter acesso tanto ao gozo fálico quanto ao suplementar.

Segundo Graselli (2008), é por ter relação com o Outro barrado que o sujeito se duplica. Além da seta que parte de uma mulher para o lado masculino da tábua, há outra seta que vai em direção ao significante da falta no Outro, que se encontra do lado feminino. Então, a mulher estaria dividida entre o gozo fálico e o algo a mais. Essa posição duplicada pode ser verificada na imagem abaixo.

Figura 7 – O gozo feminino



Fonte: LACAN (1972-73/2008)

Ainda que Lacan afirme que existem dois tipos de gozo, ele não retira o sujeito feminino da referência fálica, mas apenas afirma que o sujeito feminino não está todo referido a essa função:

Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá à toda. Mas há algo mais [...] Há um gozo, já que nos atemos ao gozo, gozo do corpo, que é, se posso me exprimir assim, [...] para além do falo (LACAN, 1972-73/2008, p. 80).

Lacan deixa explícito, então, que sempre há uma parte de uma mulher que está submetida à lógica fálica, mas há outra parte que não se encontra nessa posição e que aponta para um algo mais.

Com base nessas explicações, passa-se a diferenciar o feminino e o masculino para além da dicotomia passividade/atividade, e o gozo feminino deixa de ser dividido entre vagina e clitóris.

O homem não chega a gozar do corpo de uma mulher, gozando apenas do seu órgão, ou seja, o gozo masculino é autoerótico e não necessita de um Outro. Nota-se que para ambos os sexos se sustenta uma impossibilidade de encontro, já que para cada sexo o Outro se constitui de maneira diferente. Nas palavras do próprio autor:

[...] o que chamamos de gozo sexual é marcado, dominado, pela impossibilidade de estabelecer, como tal, em parte alguma do enunciável, esse único Um que nos interessa, o Um da relação sexual. [...] para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico – eu disse dito –, o sexo corporal, o sexo da mulher – eu disse da mulher, embora, justamente não exista a mulher, a mulher não é toda –, o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo (LACAN, 1972-73/2008, p. 14)

O gozo feminino movimenta o sujeito em direção ao infinito, à ausência de limites, e isso é característico desse tipo de gozo suplementar, mas costumeiramente esse movimento contrai semelhanças ao imperativo do supereu, que retira o sujeito do controle.

O supereu lacaniano é representado por uma ordem de gozo e corrobora com as características da contemporaneidade, que caminha rumo ao gozo sem limites.

Na leitura de Lacan, o supereu é perigoso, mas não mais porque seja representante da lei, mas sim porque empurra o sujeito para uma satisfação sem limites, até feminina. Nas palavras do autor: “Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo do gozo – *Goza!*” (LACAN, 1972-73/2008, p. 11).

Ao balizar pela vertente fora da referência fálica, é possível verificar que o gozo feminino se encontra mais próximo da ausência de limites do que o gozo fálico masculino e, por isso mesmo, se aproxima da descrição do supereu feita por Lacan. Segundo Isabelle Durand (2008, p. 97): “Quero isso, exijo isso, e ponto! [...] Aqui a vontade não é o desejo. A vontade é a pulsão, é o gozo. Seria: não busque mais sentido, a única causa da minha vontade é meu gozo”. (*tradução livre*)

Nota-se que o supereu lacaniano se distancia da instância organizadora e herdeira do complexo de Édipo que Freud havia estabelecido.

Lacan irá aproximar a instância ideal e julgadora que Freud havia identificado como correspondente ao supereu, daquilo que ele irá definir como metáfora paterna, já o supereu será caracterizado pelas exigências impossíveis de satisfação.

Essa satisfação impossível segue o caminho da destruição absoluta caso fosse alcançada, daí tem-se que há uma aproximação do supereu com a pulsão de morte. Lacan diferencia o gozo do princípio do prazer no seminário sobre a ética na psicanálise, desde que o princípio do prazer aparece mais como uma barreira ao gozo, já que alcançá-lo seria a destruição absoluta, a morte (LACAN, 1972-73/2008).

Essa característica da severidade com que o supereu cobra exigências impossíveis é muito mais evidente na mulher, devido as características de seu gozo suplementar. Segundo Durand (2008), as mulheres são insatisfeitas e acabam encarnando perfeitamente o supereu, sendo amparadas pelo imperativo impossível do seu tipo particular de gozo.

Como visto anteriormente, o feminino e o masculino se encontram em lados diferentes nas fórmulas da sexuação, e, mais, os sexos gozam de maneira diferente. Sendo assim, é inevitável pensar como é possível o encontro entre os sexos? Se do lado da mulher há a busca pelo significante fálico e do lado masculino há a busca pelo objeto que lhe causa o desejo, como pode haver convergência entre os sexos? O que se coloca, então, para suprir a dita *não-relação* sexual entre os sujeitos?

Para responder a essas questões deve-se adentrar ao conceito de parceria amorosa, mais longamente discutido por Jacques-Alain Miller, como se verá adiante.

CAPÍTULO IV - PARCERIAS AMOROSAS

NÃO HÁ RELAÇÃO SEXUAL

Já se abordou superficialmente o tema, ao assegurar que o amor vem em suplência à inexistência da relação sexual, mas a seguir destaca-se ao que Lacan se referia quando fazia tal afirmativa.

Por meio do conhecimento nota-se que não é do ato sexual propriamente dito que o autor está falando, na realidade, ele está questionando o encontro entre o significante do homem com o significante da mulher.

Ao discorrer sobre o feminino, nota-se que só se pode referir ao sujeito feminino um a um, justamente porque lhe falta o caráter da universalidade comum aos homens. Então, se o caráter universal da mulher não existe, como na proposição, $\overline{\forall x} \Phi x$, não há a formação de um universo comum, e por isso temos a unidade.

O problema da não-relação sexual se dá porque não há paralelismo entre o lado masculino e o lado feminino da sexuação, e não é possível relacionar dois termos que não se equiparam, a proposição referente ao universal não é comum aos dois lados da fórmula.

O significante feminino que permitiria escrever a relação homem-mulher como equivalentes está ausente na cadeia, ou seja, não é possível estabelecer relação de equivalência:

A posição do feminino e a do masculino não são complementares, e isso parece levar a um eterno desencontro entre os sexos. Contudo, ainda que não se

tenha uma relação, no sentido de proporção, pode-se falar em parcerias amorosas, e surgem então algumas possibilidades de encontro.

O CONCEITO DE PARCERIA

Lacan deixa claro que não há identidade nem complementaridade entre os sexos. Como já evidenciado em suas fórmulas da sexuação, há dissimetria entre o lado feminino e o masculino. Jacques-Alain Miller afirmou que o que existe é uma parceria, mas que não está no nível do significante puro, e sim no nível do gozo, e nesse caso a ligação seria sempre sintomática (1998).

Ao falar do parceiro-sintoma, Miller o definiu como dizendo respeito à relação do parceiro, onde o Outro se torna meio de gozo, nas suas palavras:

Esta perspectiva comporta colocar em questão o próprio termo sujeito, porque o sujeito é sempre um elemento mortificado; aliás, Lacan o definiu como falta-a-ser, e é por isso que ele faz entrar o corpo vivo na psicanálise. Ele substitui o termo sujeito por falasser, que é o contrário de falta-a-ser, é o sujeito mais o corpo, é o sujeito mais a substância gozante. Mas, dessa forma, o conceito de grande Outro é também posto em questão, e é para fixar idéias que, de modo simétrico ao falasser, introduzi no nosso vocabulário o parceiro-sintoma. Resumamos isto escrevendo, no quadro, na linha superior, a relação do sujeito com o Outro e, na linha inferior, a relação do falasser com o parceiro-sintoma.

$$\frac{\S \diamond \text{Outro}}{\text{falasser} \diamond \text{parceiro-}\Sigma}$$

O Outro do qual se trata com o parceiro-sintoma não é mais um corpo mortificado, esvaziado de seu gozo, é um corpo vivo; o Outro é sempre representado por um corpo vivo” (MILLER, 1998, p. 102).

Se quando se fala em parcerias amorosas se está colocando o Outro como meio de gozo, ao tomar as diferentes posições ocupadas pelo sujeito na sexuação, obrigatoriamente se estará estabelecendo diferenças no parceiro-sintoma do homem e da mulher.

Nesse ponto, Miller, apoiado na temática já exposta por Lacan, clarifica as posições dos sexos da seguinte maneira:

[...] o parceiro-sintoma do homem tem a forma de *fetiche*, enquanto que o parceiro-sintoma do falasser feminino tem a forma *erotomaníaca*. [...] para a mulher, seu modo de gozar exige que seu parceiro fale e que a ame. Quer dizer que o amor, para ela, é tecido no gozo[...] o gozo masculino pode ser sustentado pelo silêncio” (MILLER, 1998, p. 109-10).

Para a mulher, a questão da parceria amorosa se torna ainda mais complexa, pois como propõe Lacan, em seu seminário de 1972, *A mulher não existe*, mas pode constituir-se na relação com um homem. É por meio da representação do significante do desejo desse homem que ela se vai reconhecer mulher. Como aponta Soler (2006), ainda que não exista *A mulher*, é possível existir *uma* mulher, enquanto escolhida de um homem.

Contudo, colocar-se no lugar de objeto na fantasia de um homem não se apresenta como tarefa de fácil execução, mas não se colocar nessa posição deixa a mulher ainda mais vulnerável à devastação, oriunda do próprio tipo de gozo.

Sobre as formas de parceria amorosa, Miller (1998) distinguiu duas possibilidades: o parceiro-devastação e o parceiro-contemporâneo.

PARCEIRO-DEVASTAÇÃO

Para falar sobre esta modalidade de parceria, é essencial entender o que significa devastação para a psicanálise.

Inicialmente, Lacan formula o conceito de devastação para falar sobre a relação mãe e filha. E essa definição é feita pelo termo *ravage*, que aparece pela primeira vez no texto “O aturdido” (1973/2003). Esse termo diz respeito à ligação de uma menina com a mãe, por meio da qual se estabelece a subjetividade feminina.

Tal fato está diretamente vinculado ao fracasso da metáfora paterna. Nas palavras do autor: “(...) de quem [mãe], como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo nessa devastaçãõ” (LACAN, 1973/2003, p. 465).

Lacan identificou que a metáfora paterna, ainda que presente, será sempre falha, o que permite que exista na mãe um gozo feminino que permanece desconhecido. Portanto, a devastaçãõ diz respeito a um sujeito feminino que foi confrontado com o gozo feminino da mãe (DRUMMOND, 2011).

Para pensar na devastaçãõ é necessário lembrar alguns dados apontados por Lacan: a questãõ diz respeito à dialética do desejo com o falo e o lugar que a criançã ocupa diante do Outro, ou seja, diante do desejo da mãe.

Essa leitura permite pensar na devastaçãõ como própria da estrutura feminina no que se refere a seu tipo particular de gozo. A devastaçãõ pode retornar à mulher tanto na relaçãõ com o próprio corpo como nas parcerias amorosas. Isso porque, ainda que o gozo fálico também capture a mulher, é o Outro gozo, mais além desse fálico, que lhe garante as particularidades. Por se tratar de um gozo marcado pela não finitude, pela ausência de representaçãõ inconsciente e pelo excesso, ele favorece a devastaçãõ feminina.

Sobre as particularidades desse gozo feminino e as possibilidades de vivenciá-lo na sua vida amorosa, Pena (2012) afirmou que se o gozo feminino, por estar fora do simbólico, é indizível e também ilimitado, quando a parceria amorosa se caracteriza pelo excesso há facilitaçãõ da devastaçãõ. Mas, por outro lado, esse gozo, por meio de um encontro amoroso, pode conduzir a um êxtase do qual o homem não pode participar, afinal, ainda que ele a conduza até essa posiçãõ, esse

gozo é restrito a mulher. Neste caso, a via do amor pode conduzir a um gozo indizível.

A posição de Miller (1998) corrobora com a definição de devastação marcada acima, quando aponta que na raiz da palavra *ravage* (devastação) há a presença da palavra *ravie* (deslumbrar), oriunda da palavra *ravissement* (deslumbramento). Nesse ponto, o autor destaca que como o gozo feminino não é marcado pela finitude, um homem pode ser tanto a devastação quanto o êxtase para uma mulher.

Sobre esse gozo indizível, Lacan afirmou que a mulher nada pode dizer sobre este, apenas é capaz de experimentá-lo, mas se ela experimentá-lo o reconhecerá (1972-73/2008).

Ainda, para o mesmo autor, trata-se de uma devastação onde há uma demanda infinita, onde é mais importante ser amada enquanto resto, do que não ser objeto de amor deste outro (1972-73/2008). Para ser o significante do desejo do Outro a mulher pode deixar de lado uma parcela da sua feminilidade, ficando em falta com a sua própria satisfação sexual. Sobre este tema Lacan (1958a/1998, p. 702) afirmou:

[...] dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada. [...] Eis que podemos observar que a falta de satisfação própria à necessidade sexual, em outras palavras a frigidez, é relativamente bem tolerada por ela.

PARCEIRO-CONTEMPORÂNEO

Ao definir esse tipo de parceiro, Miller afirma que nos últimos anos ocorreram mudanças significativas na relação entre os sexos. Contudo, vale destacar que a sexuação ocorre da mesma forma. Ou seja, o sujeito ainda é homem ou mulher, frente à sexuação, mas é possível fazer semblante.

Miller (1998) afirma que para Lacan é necessário que a mulher abandone, de certo modo, o infinito de seu gozo:

Pode-se dizer que isso é uma máscara [...] É claro que há alguma coisa que vai nessa direção: a mulher moderna tende a fazer do homem um pequeno a, ela lhe diz – você é apenas um meio de gozo – e isso vai junto com a desvalorização do amor, mas não é verdade, é tudo um teatro” (MILLER, 1998, p. 117).

Nesse caso, quando a mulher permite ser feita de objeto por um homem, ocorre uma sintomatização: ela mulher é fetichizada.

Miller (1998, p. 118) aproxima essa parceria das questões da erotomania. O autor assim descreveu, ainda que de maneira não aprofundada: “Esses pequenos esquemas [...] permitiriam mostrar em que o masoquismo feminino não é mais do que uma aparência e, como se sabe, o segredo do masoquismo feminino é a erotomania”.

Sobre essa questão, Soler (2006, p. 80) afirma: “O ser mulher sustenta-se duplamente no amor, na medida em que ‘ser amada’ equivale a ‘ser o falo’, e também na medida em que só se ama a partir da própria falta”. A autora chegou, inclusive, a assegurar que o amor é feminino e que quando um homem ama é como mulher, porque enquanto homem seu gozo basta.

Lacan afirma em “A significação do falo” (1958a/1998) que a questão da mulher não é ter o falo como havia dito Freud, mas sim ser o falo, além disso, ela teria seu amor marcado pela dúvida de maneira delirante e acaba suspensa ao Outro. Nesse mesmo texto, o autor afirma que o amor do homem é fetichista, enquanto o da mulher é erotomaniaco. É como se a posição necessária da mulher ante o homem fosse a de ser amada, tratando-se de uma condição de gozo.

A erotomania é descrita como um amor para além do falo por Ana Paula Corrêa Sartori (2009).

Sobre a temática a autora também evidenciou que a erotomania pode acontecer tanto na neurose quanto na psicose, mas que se trata de uma posição feminina, ainda que os homens também possam colocar-se nesse lugar:

O desejo de ser amada, mais do que de amar, é encontrado, principalmente, em mulheres. Quando este desejo ocorre de forma muito intensa em um homem, podemos dizer que ele está em uma posição feminina frente ao Outro. Para o sujeito feminino, na neurose, a erotomania é também a estrutura de sua forma de amar, contudo, com os limites da função fálica (p. 7).

Jacques-Alain Miller (1998) apresenta a visão de que a erotomania está mais próxima do feminino ao afirmar que se trata da forma de gozo da mulher. Sartori (2009) também discorre acerca da erotomania normal, embasada na visão exposta por Miller, desse modo, tem-se uma posição onde a mulher faz semblante.

Sobre a questão do semblante feminino, o autor afirmou que o fato d'A mulher não existir significa que há um espaço vazio, mas não indica que nada possa existir lá. Nesse lugar se encontram máscaras, semblantes. As características do semblante feminino podem ser assim descritas: “O que chamamos de semblante? Ao que tem a função de velar o nada. Por isso, o véu é o primeiro semblante [...] De

certo modo é possível dizer que as mulheres são cobertas porque A mulher não pode ser descoberta” (MILLER, 2010b, p. 2).

Existem semblantes nos homens também, mas de natureza diferente. Na visão do autor, nos homens o semblante trata de proteger o “ter”, destes que se entendem possuidores, já nas mulheres o semblante é a própria máscara da falta. Ele também afirma que, diferentemente do homem, a mulher não se sustenta por semblantes falicizados, ela sabe que o Outro não existe e que o falo não é todo, é um semblante. Sartori (2009) compreende que há na relação da mulher com o semblante, o gozo erotômico na estrutura normal:

Mas, por outro lado a mulher precisa sustentar os semblantes, e ela o faz ao pedir ao homem que fale com ela palavras de amor e de desejo. Assim ela acaba por sustentar o amor através da erotomania. Ela pede provas de amor. O homem lhe dá essas provas, o que permite que com que o desejo feminino seja afirmado e relançado mais uma vez. A mulher goza dela mesma através do desejo do homem por ela. Assim, ela pedirá novas provas de amor, em função de sua relação vacilante com os semblantes e erotômica com o gozo. (p. 116).

De modo geral, tem-se uma aproximação da mulher normal da loucura, por meio da erotomania, ao falar de uma demanda de amor infinita:

Do lado feminino, o falasser impõe ao parceiro uma forma distinta, em função, precisamente, da ilimitação do gozo. Para aproximá-lo, pensemos no papel central da demanda de amor na sexualidade feminina. A demanda de amor comporta, em si mesma, um caráter absoluto e uma visada ao infinito, que é manifestada no fato de que o Todo não está formado, o Todo não faz Um, e isso se abre para o infinito, além de tudo o que se pode trocar de material, tudo que pode se oferecer como prova. É uma demanda que incide sobre o ser do parceiro, e é isso que desnuda sua forma erotomaniaca – que o Outro me ame (MILLER, 1998, p. 111).

Ao falar do parceiro-contemporâneo Miller aproxima a erotomania do masoquismo feminino. O autor, inclusive, se baseia em dados da clínica para descrever como uma mulher masoquista entende a agressão vinda do parceiro quando ela é objeto de amor daquele que a agride. Assim ele descreveu os possíveis pensamentos femininos sobre o tema: “Que ele me bata não é o que

conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isto me devasta, tanto melhor” (MILLER, 1998, p. 118).

O feminino se enlaça ao amor das formas mais diversas, mas é inegável que o sujeito feminino vive às voltas com a questão amorosa, perpassando inclusive pelos limites da loucura e da devastação.

UM TIPO COMUM DE PARCERIA: O OBSESSIVO E A HISTÉRICA

Ao falar em parcerias amorosas, Miller apresenta a questão da parceria sintomática, onde tem-se uma parceria que se coloca de modo muito recorrente: a histérica e o obsessivo. Tal constante seria uma solução sintomática? Vale lembrar, também, que não se está apenas definindo a mulher como histérica e o homem como obsessivo, mas tratando-se da posição que os seres falantes ocupam.

Essa parceria é facilmente encontrada nos casais que se apresentam no dia a dia da clínica, mas não foi objeto de um estudo aprofundado por Lacan, notam-se apenas algumas referências a esse fato. No Seminário “As formações do inconsciente” o autor constrói o grafo do desejo e sobre esta temática afirmou:

O problema do obsessivo, portanto, está todo em dar um suporte a esse desejo – que, para ele, condiciona a destruição do Outro [...]. Todo o problema do obsessivo está em encontrar para o seu desejo a única coisa capaz de lhe dar uma aparência de apoio, correspondente ao ponto que a histérica, por força das suas identificações ocupa com tanta facilidade, ou seja, aquele que está em frente ao d , a fórmula $\$$ em relação ao pequeno a . A histérica encontra o apoio de seu desejo na identificação com o outro imaginário. O que faz às vezes e exerce a função disso no obsessivo é um objeto, que é sempre – sob forma velada, sem dúvida, mas identificável – redutível ao significante falo (LACAN, 1957-58/1999, p. 415 e 416).

Entende-se, então, que se a problemática obsessiva diz respeito a encontrar um parceiro, para seu desejo, que se coloque na posição de objeto, essa condição

se encaixa perfeitamente para o sujeito histérico, que graças a suas identificações se coloca facilmente como objeto a de um sujeito.

Pode-se, então, em um primeiro momento, afirmar que a parceria do obsessivo com a histérica seria um exemplo de complementariedade e uma chance para a existência da relação amorosa, ou até mesmo de alcançar a tão sonhada unidade. Mas está aí um apelo enganoso, já que a mesma base da aparente complementação entre os sujeitos é terreno das tormentas e infelicidades do casal (TEIXEIRA, 2010).

Inicialmente, a tentativa histérica de se colocar como objeto para o obsessivo e de apontar para sua falta se apresenta como uma possibilidade para que o sujeito obsessivo busque meios de obturar essa falta, para que finalmente ambos pudessem completar-se. Mas a completude parece nunca chegar e esse impasse, o que se evidencia nas queixas que chegam à clínica: há um descompasso, o casal se ama, mas ainda falta algo (TEIXEIRA, 2010).

A histérica impossível de ser satisfeita se apresenta queixosa e se mantém amando o sujeito, mas evidenciando as próprias faltas e reclamando de incompletude. Já o sujeito masculino, tentando evitar o encontro com a falta, passa a busca por explicações para a insatisfação na parceira, iniciam-se as comparações e os questionamentos: “O que eu fiz?” “O que deixei de dizer?” E essa situação pode manter-se por muito tempo, já que a insatisfação da histérica permite que o obsessivo fique às voltas em uma tentativa de tamponar a falta dela.

Em relação ao desejo, a histérica é aquela que se apresenta como sedutora, como objeto de desejo, mas que ao final recua. Para ela, satisfazer o desejo é matá-lo, e assim a histérica quer desejar e não gozar.

Colette Soler (2006, p. 51) corrobora essa visão: “Na relação com o parceiro, o sujeito histérico conduz uma estratégia de subtração. ‘Esquiva’, diz Lacan, ali onde Freud já trouxera à luz o duplo movimento de sedução e recusa, a mão que levanta a saia e a outra que abaixa”.

Como já se discorreu longamente sobre o feminino, vale destacar que, mesmo a histeria e a feminilidade estando muito próximas, existem diferenças fundamentais. Segundo Soler (2006), é pela forma de gozo feminino e pela mediação do Outro que as linhas tênues, em muitos momentos, se cruzam, mas assim podemos explicitar:

A feminilidade implica a relação com o Outro, o homem, para se realizar como sintoma. O fato de ela acentuar o “fazer gozar”, como acabei de dizer não impede o “fazer desejar” que é condição dele. Daí, ao que me parece, a acentuação do núcleo histérico nas mulheres. A histérica passa pela mesma mediação do Outro, mas com fins diferentes, e não para se realizar como seu sintoma [...] Seu desejo se sustenta no sintoma do Outro, a tal ponto que quase poderíamos dizer que a histérica faz de si uma causa, mas uma causa de...saber. Não porque ela seja movida pelo desejo de saber, mas porque gostaria de inspirá-lo no outro (SOLER, 2006, p. 55).

A histérica não demanda, ou melhor, não se ver com a demanda, já a mulher se deixa desejar, pois é nessa posição que ela se torna o falo de um homem. A histérica quer deixar o gozo do Outro insatisfeito, ela não quer gozar, ela quer mais: a histérica quer ser algo para o Outro, mas ela quer principalmente saber que ela é algo para o Outro (SOLER, 2006).

Lacan (1972-73/2008) demonstrou que a mulher quer gozar e a histérica também, mas esta quer um gozo articulável, quer conhecer acerca desse gozo, saber o que faz o Outro desejá-la e assim permanece insatisfeita, pois há aí uma falta. A histérica quer ser um objeto único e precioso que sustenta o desejo do homem.

Em geral, Soler (2006, p. 53) aponta a questão da histérica em relação ao gozo: “Dize-me o que visa teu desejo, em mim e no outro!” Trata-se do imperativo do querer saber.

Já no que se refere ao sujeito obsessivo, seu desejo se sustenta imaginariamente quando o sujeito de seu desejo resiste a ele.

Assim, o fato de a histérica resistir no desejo e se colocar facilmente como objeto conferem à parceria entre o obsessivo e a histérica grandes chances de sucesso. Mas, quando a histérica aponta para a falta do obsessivo querendo saber sobre esta, buscando entender sobre o desejo dele, exigindo que ele fale sobre isso, ocorre um desequilíbrio. Ou seja, ocorre aqui o encontro entre o desejo insatisfeito da histérica e o desejo impossível do obsessivo.

Para concluir, a parceria entre o sujeito histérico e o obsessivo é uma das mais comuns porque se funda sobre um terreno fértil: o sujeito da histeria é o Outro do obsessivo e vice-versa. Contudo, os determinantes do sucesso dessa parceria também amparam os aspectos decisivos para o fracasso: um exacerba a falta, enquanto o outro a obtura; um se oferece a objeto de desejo e depois se esquia, enquanto o outro tem o desejo diminuído quando o objeto se oferece e um quer desejar mas não gozar, enquanto o outro quer gozar sem desejar.

AS PROBLEMÁTICAS AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE

Ao longo do trabalho foi abordado o desenvolvimento da sexualidade, a posição que o homem e a mulher ocupam na sexuação e, também, as problemáticas existentes nas parcerias entre os sexos, mas é essencial aprofundar-se em como essas questões se evidenciam na pós-modernidade.

As expressões de amor e sexualidade têm se distanciado da fórmula romantizada de antigamente: o casamento tradicional. Hoje há novas e diversas modalidades: amor virtual, sexo casual, sexo por conveniência, os “amigos com direito”, a troca constante de parceiros, o metrossexual, o bissexual, entre outros. Claro que muitas dessas expressões são antigas, mas aconteciam de forma velada. O sexo casual, por exemplo, não é nenhuma novidade, mas acontecia de forma encoberta e era vetado, especialmente, para mulheres.

A fluidez das relações amorosas é abordada por diversos autores, em especial pelo sociólogo Zygmunt Bauman, que propôs a expressão “amor líquido” para definir as novas formas de amor. O autor entende que o amor hoje é constituído por um laço frágil, cuja durabilidade é pequena porque os sujeitos encontram dificuldades em renunciar a todos os prazeres que lhe são oferecidos. As promessas de satisfação são constantes e, como tudo é permitido, não é fácil permanecer fiel ao parceiro e negar as outras possibilidades.

Bauman chega a afirmar, inclusive, que não se pode entender que exista desejo (não se está falando de desejo em termos psicanalíticos) nessas relações líquidas, trata-se de impulso. Movidos pelo imperativo da satisfação da cultura atual, qualquer troca que pareça necessária será feita. O autor assemelha o consumo de bens materiais ao que acontece no amor de hoje: troca-se, sem remorso, algo que não cumpriu a função esperada, ou, ainda, troca-se apenas porque o outro objeto parece mais satisfatório:

Mas, ainda que cumpram o que delas se espera, não se imagina que permaneçam em uso por muito tempo. Afinal, automóveis, computadores ou telefones celulares perfeitamente usáveis, em bom estado e em condições de funcionamento satisfatórias são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que “novas e aperfeiçoadas versões” aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento. Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra? (BAUMAN, 2004, p. 28).

A visão do autor sobre a fragilidade dos laços humanos na atualidade vai ao encontro da posição exposta no início do trabalho: na pós-modernidade, há uma cultura que favorece o empuxo ao gozo. Então, os sujeitos buscam meios de alcançar essa satisfação sem limites e, assim, encontrar a suposta felicidade. O consumismo, as intervenções no corpo e a drogadição são expressões disso, então, não há porque negar que as parcerias amorosas atuais também estão sendo influenciadas pela contemporaneidade.

A constante insatisfação na esfera amorosa chega à clínica juntamente com queixas sobre o próprio corpo, a quantidade de bens materiais possuídos, dependência de drogas etc. Isso porque, mesmo fazendo de tudo para alcançar o sem limite do gozo, os sujeitos se estão deparando com a insatisfação.

Até o crescente aumento das relações cibernéticas é uma expressão desse momento – uma tentativa de mascarar a escassez de parcerias reais com as conexões virtuais (DESSAL, 2012a, p. 117):

O século XXI nos confronta com uma nova dimensão do amor, aquela de uma aproximação cada vez maior da dinâmica da eleição de objeto às regras do mercado. O sujeito se converte paulatinamente em um produto que deve ser colocado em promoção para ser vendido, e o objeto oferecido numa ampla e variada lista. Se o auge do amor através da internet vem aumentando, é certamente porque introduz uma abundância virtual, que contrasta com a escassez real.

A problemática amorosa na atualidade parece passar por dois pontos nodais: a perda de referência do próprio sexo e o empuxo ao gozo.

Já que a posição feminina e masculina se mantém, no que se refere à sexuação, são as expressões próprias de cada sexo que se têm alterado na contemporaneidade e deixado os sujeitos desorientados. Sem saber qual papel ocupar, especialmente nas parcerias sexuais, os sujeitos acabam dificultando o encontro sexual, que já possui em si mesmo uma desproporção.

O que antes era limitado por gênero agora encontra diversas formas de demonstração: cuidados com os filhos, livre expressão da sexualidade, cuidados com o corpo, trabalho fora de casa, independência financeira e outros não são mais exclusividade de nenhum lado da parceria.

A mídia apresenta exemplos constantes desses modelos: a mulher bem-sucedida e independente que abriu mão dos cuidados com os filhos e a família e o homem metrosssexual excessivamente preocupado com a beleza e os cuidados com o corpo.

Se por um lado o empuxo ao gozo orienta a buscar uma satisfação sem limites, por outro falta direção aos sujeitos, que não sabem mais quais as expressões próprias de próprio sexo; não é de estranhar, então, que a busca pelo parceiro amoroso esteja imersa em problemas.

CONCLUSÃO

Antigamente, a cultura estava enlaçada por um modelo patriarcal que se amparava em um modo de gozo fálico, e hoje os ideais da cultura já não se sustentam por esse modo de gozar tipicamente masculino. Nos tempos atuais, nota-se abertura a um novo tipo de gozo, um gozo ilimitado que busca sempre mais, um gozo tipicamente feminino.

Temos um processo de feminização da civilização pós-moderna. Ao tomar o modelo feminino descrito por Lacan, nota-se que diversos sintomas contemporâneos parecem embasados pela primazia desse modo de gozar. Há um empuxo ao gozo, que impõe uma abertura sintomática que pode ser expressa pela adição a substâncias, a ausência de limites, o desejo massivo de consumo, a violência exacerbada, entre outros.

Então, se a feminização do mundo se impõe a todos e oferece formatação aos sintomas contemporâneos, não se pode deixar de perceber que isso se estende à esfera das parcerias amorosas. Se por um lado as queixas recaem na solidão, por outro elas se voltam para o excesso, para as múltiplas opções e para a liquidez do amor – resultando, de modo geral, na insatisfação.

Nota-se que em tempos de pós-modernidade a expressão de cada sexo está nebulosa e os sujeitos estão encontrando novos modos de se inventar, impulsionados pelo imperativo do gozo.

É possível sustentar a hipótese de que uma das vertentes das queixas amorosas – a solidão – se ampara na falta de acolhimento que os sujeitos sentem para expressar o próprio papel sexual na contemporaneidade. Se há uma abertura às expressões sintomáticas do feminino, os homens parecem ter perdido seu papel,

houve declínio da virilidade; e a promoção da lógica do *não-todo* favoreceu a posição feminina.

Dessal (2012b) argumenta que a perda de referencial fálico acarretou apassivamento dos homens e colocou as mulheres em posição ativa, inclusive na busca pelos parceiros amorosos.

Os homens ainda mantêm o espaço na esfera social e política, e, mesmo que as mulheres se tenham introduzido nesse cenário há, ainda, prevalência masculina: por exemplo, o maior contingente de cargos de destaque pertence aos homens.

As mulheres têm se adaptado mais facilmente à realidade contemporânea, mesmo tendo passado por momentos tortuosos, elas estão aceitando seu papel: saíram de casa, enfrentaram dupla jornada, participaram da liberação sexual e estão vivendo de acordo com os novos tempos. Já os homens parecem ter dificuldades em encontrar seu papel: compartilhar da vida sexual moderna, mantendo a virilidade.

A necessidade de adaptação que ambos os sexos vêm encontrando no cenário econômico e social se estendeu ao amoroso-sexual. Algumas saídas que vêm sendo notadas até mesmo pelo senso comum podem ser explicadas pelo viés da psicanálise: as mulheres aparentemente mais fálicas e os homens mais feminilizados.

No que se refere à falicização feminina, dentre os diversos motivos possíveis, há um que se tem evidenciado com frequência: a histérica bancando o homem.

Diante da escassez de homens disponíveis para a conquista amorosa e a liquidez das relações, as mulheres parecem ter tomado o caminho tipicamente

histórico de bancar o homem, colocando-os no lugar de objeto e masculinizando as conquistas. Claro que essa saída também sintomática tem trazido problemas: falta o amor demandado pela mulher. Se, como já visto, a mulher tem como saída possível para a feminilidade ser amada por um homem, as relações que colocam este sujeito como objeto permitem acesso ao gozo fálico, mas há a inviabilização ao Outro gozo, tipicamente feminino.

A dita feminização masculina parece ligada à passividade e a utilização de técnicas que eram próprias do sexo feminino, para que os homens se sintam desejados e possíveis objetos de amor.

Ou seja, além de sujeitos a ser conquistados, como destacado acima, há homens se utilizando de artifícios femininos – maquiagem, intervenções no corpo e preocupação excessiva com a aparência – para que sejam desejados. Um exemplo típico desse modo de expressão são os tipos heterossexuais classificados como metrossexuais.

O metrossexual é um tipo cada vez mais comum na sociedade contemporânea, ocorrendo aqui uma modificação do tipo masculino. Se Freud definiu a escolha objetual masculina voltada para o tipo anaclítico, não haveria nesse sujeito uma escolha narcisista que, segundo o autor, é mais comum nas mulheres? Outra possibilidade de análise desse sujeito diz respeito à histeria masculina, seriam esses homens históricos que se colocam como objeto de desejo mas negam o gozo? Estaria aí a justificativa para a passividade: homens que se colocam como objeto causa de desejo do parceiro?

Nota-se que as relações amorosas se têm tornado cada vez mais complexas, com os sujeitos sem referência ao próprio sexo e guiados pelo empuxo

ao gozo, caraterísticos da civilização contemporânea. Para tanto, tudo isso tem dificultado a formação de parcerias e estimulado a liquidez das relações.

Ainda que as fórmulas lacanianas da sexuação e a tese da *não-relação* sexual tenham sido formuladas antes do momento histórico-cultural atual, é inegável que as consequências clínicas se apresentam com traços da singularidade de cada época. De modo geral, os sujeitos se posicionam de algum lado – feminino ou masculino – na sexuação, mas as formas de expressão desses lados variam, amparados nos dissabores da pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, S. (1998/2011). **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Z. (2004). Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- COUTINHO JORGE, M. A. (2000). **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v. 1: as bases conceituais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- DESSAL, G. (2012a). Como as mulheres amam no século XXI. In: ANTELO, M. (Org.) – **Mulheres de hoje: Figuras do feminino no discurso analítico.** Petrópolis: KBR, p. 113-18.
- _____. (2012b). Procuram-se homens: os interessados que se apresentem em qualquer esquina. In: ANTELO, M. (Org.) – **Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico.** Petrópolis: KBR, p. 121-31.
- DOR, J. (1989/2008). **Introdução à leitura de Lacan.** Porto Alegre: Artes Médicas.
- DRUMMOND, C. (2011). Devastação. Opção lacaniana – **Revista Brasileira Internacional de São Paulo Online.** São Paulo, v. 2, n. 6.
- DURAND, I. (2008). El superyó, femenino: **Las afinidades entre el superyó y elgoce feminino.** Buenos Aires: TresHaches.
- FOUCAULT, M. (1993). **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal.
- FREUD, S. (1905-01/2006). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1905/2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In: **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1910/2006). Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) In: **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1912/2006). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) In: **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1914/2004). À guisa de introdução ao narcisismo In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente.** Volume I. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1917/2006). As Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal. In: **História de uma Neurose Infantil e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1923/2006). A organização genital: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1924/2006). A dissolução do complexo de Édipo. In: **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1925/2006). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1931/2006). A sexualidade feminina. In: **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1932/2006). A feminilidade. In: **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago.

GRASELLI, F.C (2008). **Considerações sobre a tábua da sexuação no Seminário Mais, Ainda de Lacan**. Trabalho apresentado no programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

LACAN, J. (1956-57/1995). O seminário, livro 4: **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1957-58/1999). O seminário, livro 5: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1958a/1998). A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1958b/1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1960/1998). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1972-73/2008). O seminário, livro 20: **Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1973/2003). O aturdido. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1974/2003). O despertar da Primavera. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1974/1993). **Televisão**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAURENT, Eric. (2012). **A Psicanálise e a escolha das mulheres**. Belo Horizonte: Scriptum Livros.

MILLER, J-A. (1998). **O osso de uma análise**. Salvador: Biblioteca-agente.

_____. (2010a). Uma conversa sobre o amor. **Opção lacaniana online**. Ano 1, n. 2, julho, 2010.

_____. (2010b). Mulheres e semblantes I. **Opção lacaniana online**. Ano 1, n. 1; março/2010.

PENA, B.F. (2012). Os desdobramentos do gozo feminino na vida amorosa. **Estud. Psicanálise**, n. 37.

QUINET, A. (2001). As formas do amor na partilha dos sexos. **Ágora**, Rio de Janeiro, ano 1. n. 1, p. 11-21.

ROUDINESCO, E. (1998). **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SANTIAGO, A. L. (2012). Desordem no Real e Feminização do mundo. **Opção Lacaniana Online**. São Paulo, v. 6, n. 63.

SARTORI, A. P. C. (2009). **Erotomania: amor e sexuação**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Agosto de 2009.

SOLER, C. (1998). **Psicanálise e civilização**. Rio de Janeiro: Contra Capa.

_____. (2006). **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

TEIXEIRA, A. M. R. (2010). As bodas sintomáticas do obsessivo com a histérica. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1.

ULLOA, R.C. (2007). El desencuentro entre hombres y mujeres: un sintoma contemporâneo. In: GAVLOCSKI, J.E.; ULLO, R.C. (orgs.). **Sexualidades contemporâneas**. Caracas: Pomaire, p. 47-60.

ZALCBERG, M. (2011). Os tempos do amor. **Cogito**. Salvador, v. 12, n. 12.